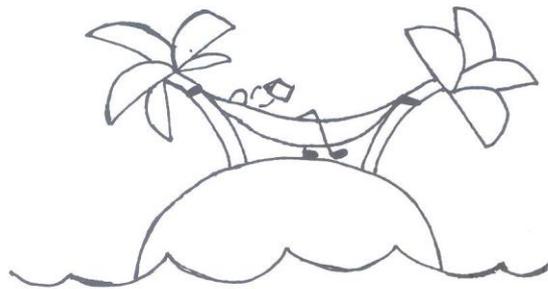


CRONICÁRIO ILHÉU

Um retrato de sete cronistas que amam Florianópolis



Deluana Buss

Apresentação

- Qui é isso na tua mão, Dinalva?
- É um Cronicário, seu tanso.
- Ó o palavrão, bocuda!
- Tás tolo, tás? Qui palavrão qui nada! Isso é uns escritos qui fala di nós.
- Di nós? Bem ou mal?
- I alguém cunsegue falá mal de nós? É tudo gente boa, um monte de escritor cronista.
- Quantus?
- Sete.
- Ihhhh... Sete é número di azar. O último é bruxa...
- Mais isso é só quando é tudo muié, hõmi. E aqui é tudo hõmi!
- Intão é lobisómi...
- Dexe di bobage. Si quês quês, si não quês diz.
- Esse troço é bom mesmo?!? Nunca tinha ouvisto falar neste cornário antes...
- É porque é muderno, hõmi!
- Arrombaste!

JÚLIO DE QUEIROZ
SILVEIRA DE SOUZA
JAIR FRANCISCO HAMMS
FLÁVIO JOSÉ CARDOZO
RAUL CALDAS FILHO
ALDIRIO SIMÕES
SÉRGIO DA COSTA RAMOS

Os cronistas

JÚLIO (Dias) DE QUEIROZ

Nasceu em Alegre (ES), em 18 de fevereiro de 1926.

AULA MAGNA

Ele tinha cabelos brancos ralos e um jeito de andar e vestir que denunciavam seus quase 75 anos de idade. Quando começou a falar, percebi que tinha um sotaque forte e estranho. Logo descobri que era porque além do português sabia falar inglês, alemão, francês, espanhol e italiano, fruto de seus estudos nos mosteiros e viagens pelo mundo. Ele era simpático, ria fácil e contava piadas engraçadas. Apesar da idade, tinha uma linguagem jovial. Mas o que mais impressionava era a clareza de raciocínio. Inteligente, explicava tudo de uma maneira inesquecível. Tenho até hoje guardada na memória a primeira aula do Professor Júlio.

“Afinal, o que é a crônica? Podemos distinguir dois tipos de crônica. A primeira é a que se encarrega de criticar os acontecimentos do dia, da semana. Não é crônica social, mas é da sociedade, dos costumes. Costumo chamar de “a libélula da comunicação”, porque é muito bonitinha, voa para lá e para cá, mas morre um dia. Essa crônica tem uma vida muito curta, pois o incidente de que ela fala envelhece e morre com muita facilidade. Se você não é do tempo em que o acontecimento foi cronicado, ela não diz mais nada para você. O outro tipo de crônica é a que chamamos de literária. Ela parte de um acontecimento qualquer, fictício ou verdadeiro, e dali o cronista passa a elucubrar sobre a vida. Essa tem um permanência maior. Era a que eu fazia.

Mas o que se quer de uma crônica literária? Primeiro de tudo, ela deve ter a linguagem leve, porque não é um ensaio. Ela talvez fosse a irmã mais nova daquilo que os americanos chamam de *short essay*, um ensaio curto. Ela é realmente curtinha. É coisa de seis, sete, oito parágrafos, quando muito. Se você consegue, nesses oito parágrafos, aprofundar no âmago da coisa, ir lá no fundo do acontecimento, e daí tira uma lição, uma moral qualquer da sociedade, ela ganhou a sua permanência.

Se você ler *De eternidade e outras juventudes*, ou *De pássaros e fidelidades*, ambas do meu livro de crônicas, verá que elas tanto poderiam ter sido escritas há vinte anos como foram, como talvez ontem. No Brasil quem foi o mestre disso, no nosso tempo de vida? Foi Rubem Braga, no Rio de Janeiro. A crônica dele até hoje dá para ler.

Há outro tipo de cronista que coloca pimenta naquilo que escreve, e fica engraçado. Esse engraçado corre o risco de perder importância com o tempo. Tivemos um no Rio de Janeiro, o famoso Stanislaw Ponte Preta, que foi glorioso. Ele conseguiu misturar crônica de sociedade, zombando dela, com um veio cômico muito bom, tanto que hoje a gente lê e ainda ri.

Mas muito bem. A crônica é um estilo literário que por muito tempo não

foi considerado de grande nível como o romance, porque até dois séculos atrás nem o conto era considerado. Grandes obras literárias eram os volumes grandes, como Guerra e Paz (de Tolstói), e a crônica coitadinha mal chegava a uma página.

Foi durante o século passado que a noção da crônica se espalhou. Começou com os franceses, e depois os alemães entraram nisso de cabeça. Eles adotaram um nome muito engraçado, que é *feuilleton*. Em francês, isso não era nada mais do que a novela escrita, que aparecia toda semana no jornal, e você lia o capítulo porque não existia televisão. Essa novela seriada fez uma fama muito grande na Europa. Charles Dickens escreveu assim, os franceses escreveram assim. Saía toda semana, às vezes todo dia. Todo dia o coitado do autor tinha que fazer um capítulo, inventar uma história danada, para continuar o romance. Na França até o autor do *Os Miseráveis* (Victor Hugo) fez. Ele foi obrigado, fazia papagaios. Às vezes escondia-se num bar ou outro porque estava escrevendo o capítulo do *feuilleton* daquele dia e precisava de dinheiro para pagar a comida ou o quarto atrasado do hotelzinho de quinta categoria onde morava. E às vezes ele mudava de bar, porque os credores sabiam onde ele estava.

Bem. Os alemães adotaram a expressão *feuilleton* e até hoje não usam outra. Eles tiveram no começo deste século um cronista glorioso chamado Kurt Tucholfski. Era um judeu de origem polonesa, cuja família tinha se mudado para Berlim. E Berlim foi uma cidade tumultuosamente intelectual, uma espécie de Paris do norte. Entre as duas grandes guerras, ela foi uma taça de champanhe. Fervilhava de idéias, de escritores, de autores teatrais, de pessoas, de cronistas, de gente de toda categoria, mas vivendo, vivendo mesmo. Esse Tucholfski então se dedicou à crônica, escreveu algumas memoráveis.

Só para dar uma idéia existe uma em que ele descreve um enterro. Na Alemanha é costume, depois que a família enterra quem quer que seja, ir para casa e fazer um jantar ou almoço melhorado onde todo mundo que estivera no enterro senta e compartilha daquilo. Ele descreve o enterro, as tristezas de todos que estiveram lá, tudo com muito encanto, um encanto sério. Depois, de repente, na tal mesa do banquete, que em alemão se chama “banquete do defunto”, alguém diz: “Como está gostoso esse pãozinho”. E o outro parente fala: “O mercado hoje estava muito bom, os ovos também estão muito frescos”. Então ele pára e diz: “É a vida voltando das férias que a morte lhe tinha dado e começando a viver”. É uma idéia maravilhosa, não? Você vê que aí ele filosofou, e terminou a crônica de maneira magnífica. Até então era tristeza, mas agora, na comida, era a vida voltando.

Como pode-se ver, tivemos gente muito boa. Depois da Segunda Guerra a Alemanha entrou em parafuso porque tinha perdido a guerra, mas logo depois do fim da década de 50 voltou outra vez e hoje é um dos centros culturais mais borbulhantes que a Europa tem. De maneira que o estilo, apesar de terem inicialmente feito cara feia porque não gostavam disso, acabou se consagrando.

São pílulas de sabedoria ditas na base do papo, que aqui no Brasil se chama papo-cabeça, entendeu?

O cronista é exatamente isso. Ele começa a dizer uma bobagem qualquer, dali ele começa a elucubrar e diz que “isso me leva a pensar assim e assim”, e de repente ele está com os dez parágrafos da crôniquinha feitos. É sempre assim, nada mais do que isso.

A crônica de certo modo se adaptou muito bem ao estilo brasileiro, à maneira brasileira de ser. O brasileiro é um povo inteligente, de mentalidade ágil, a nossa língua mostra isso. Comparado com o português de Portugal o português do Brasil é como se fosse um menino endiabrado inventando coisas. O português do Brasil é riquíssimo, é jocoso, é cheio de malícias. Por exemplo, a gente diz aqui “falou, falou e não disse nada”, mas o português não sabe dizer isso. Eça de Queiroz uma vez disse com muita graça que o português do Brasil era falado com mel na boca. Porque é gostoso de falar português.

Então essa nossa língua se presta muito para o conto curto e para a crônica. Por isso temos excelentes contistas. É uma coisa brasileira. Portugal não tem contistas porque eles não têm a leveza francesa do raciocínio, não têm o charme dos berlinenses, e não têm o famoso “saleiro” dos espanhóis. Eles não têm essa graça, essa maliciazinha brasileira de fazer trocadilhos. Isso afeta diretamente na crônica. Ela tem que ter esse traquejo e esse jogo de cintura, que o romance não precisa ter, porque ele vai em profundidade. Veja *Em Busca do Tempo Perdido*, o Proust leva 10 páginas falando do bigode de um sujeito. É preciso muito bigode... A crônica não pode se dar ao luxo de fazer isso, tem que fazer numa frase e tocar para a frente. O conto pode fazer num parágrafo.

O domínio da língua é indispensável para quem quer que escreva. Veja: “Saiba, ainda mais, que os clientes não pagantes, cuja doença principal é a fome, recebem dele, entre outros, o remédio principal: comida”, também do meu livro. Eu descrevi o cara. Seja quem for, é um médico que dá comida em casa para quem tem fome. Já dá para saber que a clientela dele é de INSS. Então isso é da crônica, essa capacidade de inventar, um jeito de dizer, quase como uma pílula. Enquanto que o outro é obrigado a fazer o tratamento completo. Então o romance é o tratamento completo, o conto é um tratamento rapidinho para ver se quebra o galho, e o galho mesmo da comunicação é quebrado pela crônica.”

DE ILHAS E OUTRAS JURAS DE AMOR

Deus sabe que, durante os muitos anos que brinquei de Judeu Errante, ao chegar a cada cidade nova, me perguntei se seria ali a parada derradeira. Seria Londres, tranqüila, silenciosa, ajardinada e eternamente cinzenta? Seria Brasília, jóia de vidro e de linhas retas, e como que uma promessa bíblica, rosa a florescer no deserto? Seria Munique, burguesa rica e aculturada? Seria Porto Alegre, com gosto de casa, permeada de sorrisos francos? Ou Belo Horizonte, a bondade ocultada na fachada moralista? Rio, ou São Paulo, mal-amadas, barulhentas e neuróticas, as que teriam em mim o amante permanente?

Quando vim para cá, tive medo. E me perguntei dubitado, não será, talvez, sufocantemente pequena? E depois, raciocinei, ainda por cima é ilha; e é da natureza das ilhas não serem elas nem estradas nem passagens. Por ilhas não se passa; ou delas se sai, ou a elas se chega. E estas coisas são definitivas.

Aqui, o mar, eterno ausente das cidades do meu passado, é mais que parte da paisagem, é “leit-motiv”.

Não banha ele somente as terras da ilha; aos ilhéus dá o sal do seu batismo, tempera-os com o seu iodo, apressa-lhes o sangue e esmorece-lhes o ardor.

Aqui, se é a companhia parisiense, elegante, charmosa e culta o que no momento quero, vou à casa de Solange; se é a falta de nobreza tranqüila e eqüidistante, num pulo, estou com a Tabela, jóia cercada de amor. Quando me falta a esnobice culta, a frase torneada, mordente e florentina, todo mundo já sabe a quem procuro; também tenho a mordacidade risonha e romana de Alcides; a hospitalidade serrana de Tônico; a retidão humanizada de Leopoldo - em cuja casa, uma frase ou outra em alemão, mato as saudades de Berlim, e onde a ternura infantil, ainda pura de diferenças, me chama de “tio”.

Gente, é a ilha a me fechar saídas!

De repente, a fome de arte, da imaginação transubstanciando a realidade em sonhos, me leva aos de Haros, colmeia de beleza. Ao lado deles, mas num outro mundo, a firmeza mineira da mão aberta para sempre e, ainda, por requinte, com acento paulistano. É a ilha a me forçar raízes!

Se é de Atenas a necessidade, vou à Trindade e, dentro do possível, abro janelas. E já vivi bastante para ter aprendido a não pedir mais do que o possível.

E quando chega agosto, a chuva fina e o vento forte tingem a paisagem de Londres, para se escancarar, logo depois, no mar tranqüilo e no exagero do azul, sem dever nada ao Mediterrâneo.

É a ilha a me forçar permanências!

Nem me digam que só eu sinto isto, pois há dias atrás, por trinta e oito vezes, contadas num dia só, entre rotineiras conversas oficiais e curtos encontros pessoais, ouvi a mesma frase: “Que dia lindo está hoje!” Era quase uma queixa, como se me dissessem: “Hoje, ainda mais lindo que ontem! Quem pode agüentar, impassível, tanta beleza!” Há quantos anos não ouve São Paulo tanto louvor!

Quando, aqui, me tocou a dor da vida e da morte, eu, que sou dos que choram, chorei. E mãos amigas se movimentaram, silenciosas em minha volta, pousadas no meu ombro, na solidariedade diante do mistério. Quando o Senhor meu Deus encheu minha alma de luz, rostos amigos riram comigo. São estas as coisas que prendem e que nos atam. Será para sempre?

Pelo código não-escrito dos nômades, cometi, pela primeira vez, a maior transgressão: comprei uns metros de terra! O que para muitos teria sido uma rotina, foi, para mim, uma conversão!

Não sei para onde meu Deus me levará. Sou coisa sua e me esforço em ser seu bom jumento; irei. Nem sei em que terras ainda me instalarei nem que sons deverei aprender para falar com seus filhos. Só sei que, banhada a alma inteira, apaixonei-me pela ilha e pelo seu tesouro, para mim até então escondido, e que aqui vivia: sua gente.

Vim porque quis; assumo a responsabilidade; fiquei porque a beleza me inundou a alma. Se algum dia partir, irei ainda um pouco mais vazio, que o coração terá ficado aqui.

Júlio de Queiroz
in *Umas, passageiras; outras, crônicas*, Florianópolis: Imprensa
Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

DE CARNEIROS E TRADIÇÕES

Ora, pastava o rebanho tranqüila e burramente na pastagem de sempre, mordilhando as ervas de sempre. Como sempre, os carneirinhos saltavam ao lado das ovelhas mães e os carneiros adultos, agrupados aqui e ali, enquanto roçavam com os dentes a grama costumeiro, discutiam à saciedade, os temas de sempre, e que já tinham sido discutidos pelos carneiros pais e, antes desses, pelos carneiros avós.

O confortável do rebanho era isto: tudo estava catalogado e arrumado. O cotidiano e o excepcional; as virtudes e os defeitos permitidos, os lizes e deslizes; o rebanho crescia, pastava, dava crias. De vez em quando, um ou outro sumia. Discutia-se o sumiço, mas com propriedades e sem exageros. Afinal de contas, era tradicional que carneiros sumissem, de quando em quando, era mais um assunto dentro dos assuntos estabelecidos e aprovados pelo rebanho.

Mas lá um belo dia a evolução decidiu fazer nascer um carneiro diferente para mais na inteligência. Enquanto seus amiguinhos cabriolavam ao lado das ovelhas, ele se imiscuia nos grupos de carneiros adultos. Estes o aceitaram com reservas, mas o toleraram. Tinha Q.I. muito alto e gostava de conversa dos adultos. Mas Q.I. alto não é exatamente uma bênção num rebanho e, quando o carneirinho era adolescente, já achava as conversas dos carneiros uma completa chatice.

Deu para pastar sozinho. Ensimesmava-se, ficava ruminando, olhando longe. Os carneiros meneavam as cabeças diante daquela anomalia. Começaram a se afastar do carneiro pai, coitado, tão gregário e tão necessitado do rebanho. A inteligência tinha começado, sem nenhuma intenção, sua obra desagregadora. Um belo dia, o carneiro pai não agüentou mais. Esperou a noite chegar para evitar escândalos. Num rebanho pode-se fazer tudo, desde que não haja escândalo. Na tal noite, chamou a ovelha, sua mulher, para um canto. “Afinal de contas, o que é que há com o teu filho? Você não controla os filhotes, não tem voz ativa, este carneiro está me envergonhando diante do rebanho inteiro, logo a mim, que sempre fui um dos mais acatados!” A ovelha baliu lá suas desculpas, mas sem muita convicção. Ela, também, andava meio morta de vergonha diante das suas amigas. Chamaram o carneirinho às falas. Não adiantou nada. Ele, puramente, não conseguia seguir os mores do rebanho. Ninguém lhe baliu mais cumprimentos. As irmãs, ovelhinhas na puberdade, murmuravam entre si: “É ovinossexual!”

O carneiro de Q.I. alto até que gostava de ficar de lado. Olhava as nuvens, tinha planos de levar o rebanho até as montanhas, onde a relva seria mais tenra e mais fresca, gostava de ouvir a água do riacho cantando entre as pedras e tentou, com uns e outros, fazer com que a carneirada sasse do estupor mascativo para coisas mais altas e melhores. Não lhe deram ouvidos. Seu pai, para demonstrar sua perfeita condição de

carneiro aceitante das regras do rebanho, deu-lhe, na frente de todos, umas marradas. Inútil.

A situação piorava. Quando em busca de pastagem, passava por um grupo, ouvia comentários desairosos. “Deve mascar camponha! Desencaminhador da juventude! Vai ver que nem é carneiro!” e outras jóias da sabedoria coletiva. Ouvia, quieto, escolhia sua graminha e comia calado.

A situação foi dando nos nervos do rebanho. “Carneiro é proverbialmente paciente”, dizia um deles, “mas assim já é demais! Este carneiro é um associal! Não frequênta pastinhos de aniversário, não vai ao pasto-dançante, nunca se o viu numa reunião social-pastante! Isso não pode continuar!” “Nada”, dizia a ovelha mãe dele, “ele não faz por mal, é diferente, só isso!” “Ser diferente é ser inferior!”, retorquiu um carneirão de cavanhaque branco, poço da sabedoria tradicional ovina. “Está subvertendo a ordem do rebanho”, sentenciou o carneiro guarda, “tem que morrer!”

A ovelha não titubeou entre o desvelo materno e a ordem tradicional. A ordem venceu.

E um dia, a marradas, levaram o carneirinho sonhador até à beira de um precipício e o atiraram para baixo.

O carneiro de Q.I. alto morreu, é claro, mas, em compensação, a carneirada perdeu a preciosa chance de evoluir.

Em todos os casos ficou confirmado o provérbio: em terra de cego, quem tem um olho pode ser rei, mas morre cedo e, geralmente, de modo violento.

Júlio de Queiroz
in *Umas, passageira; outras, crônicas*, Florianópolis: Imprensa
Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

DE MONGES E DE TERNURAS

Tive eu, tanto na meninice quanto na juventude, como quase todos, uma porção de professores. Só que os meus, primeiro, no colégio, depois, no Mosteiro de São Bento, eram todos, por força da profissão religiosa, solteirões, que nesse tempo ninguém ousava se levantar contra o celibato. Eram uns mais cultos que outros, mas todos, devotadíssimos em nos inculcar toda a herança que a humanidade fizera questão de acumular e que devia, nas contas dos mesmos professores, caber nas nossas pobres cabeças.

Nosso cotidiano faria tremer qualquer atleta escolar de hoje. Quatro e trinta da madrugada, acordar; quatro e quarenta e cinco, matinas; seis horas, laudes; seis e trinta, prima; seis e quarenta e cinco, missa; sete horas, café; sete e quinze, arrumar a cela; sete e meia, terça; sete e quarenta e cinco, estudo, e lá se ia o dia, ao som estridente e esganiçado do sino do noviciado, até as vinte e trinta, quando era cantado o completório, e cama para que te quero, a fim de estar em forma, na madrugada seguinte. Aos domingos, por ser domingo, a inhanha começava às quatro, porque as matinas eram, aos domingos, um pouquinho mais longas, coisa de meia hora, em latim.

Mas éramos meninotes e nos vingávamos com os apelidos, trocados em segredo, sem que os bons monges nunca soubessem. Assim, o padre perneta, que ensinava matemática, recebeu o apelido de Dom Pi. O sapato silencioso fazia contraste com o barulho estridente da perna de pau, num lembrar do eterno três-quatorzedesseis. Dom Roberto, um renano, tão metódico, que todas as vezes que subia uma determinada escada, caminho obrigatório de todos, tossia no mesmo lugar. Ganhou o apelido de “apita na curva”. Um outro, esse nos ensinava mística medieval, vivia em perpétua abstração, se esquecia de comer, e andava caindo sobre os colegas. Para nós, virou o “Espírito Santo”. E Dom Atanásio que, ao comemorar seus cinquenta anos de profissão monástica, declarara em sermão, jamais, nem mesmo em pensamentos, ter pecado contra a castidade, saiu da cerimônia apelidado de “Imaculada Conceição”.

Um outro, mulatóide, pernóstico o quanto a regra e a disciplina monásticas permitiam, sibilando os “ss”, era quem o padre-mestre nos apontava como modelo.

Pois bem, um belo dia arranjamos de tal maneira o ofício que a ele, numa cerimônia solene, coube cantar uma antífona de Nossa Senhora, tirada do Cântico dos Cânticos. Avança ele um passo para fora do corpo, e num trinar gregoriano, lascou lá: “Negra sou mas formosa, ó filhas de Jerusalém”. O noviciado em peso espoucou em risadas. O que nos coube um mês sem passeio, que consistia numa ida e volta até a chácara dos monges, coisa de dez quilômetros. Era assim que nos divertíamos.

Mas o grande acontecimento do meu noviciado surgiu quando um dos mais sérios e idosos monges, Dom Celestino, era o leitor durante as refeições. Manda a Santa Regra que seja feita uma leitura leve e edificante. Estávamos a comer e a ouvir uma vida de São Francisco de Assis, relatada da maneira mais piedosa e melosa possível. E, nesse dia, ouvimos como o Seráfico Pai tinha sido recebido pelo Papa e ganhara permissão para fundar sua ordem. E Dom Celestino leu, no mais puro reto tom: “Então, Nosso Pai, voltou para casa e passou toda a noite, feliz, em cima de uma velha”. E não conseguiu continuar porque alguém se esquecera de abrir as páginas seguintes do edificante livro. No silêncio do refeitório, à meia luz, ouviu-se uma voz: “pudera... até eu!”

Ao estrondo de cochichos reprimidos, de risadas dos noviços, espanto dos seniores, Dom Abade se levanta e decreta: “Uma semana de pão e água e silêncio pleno!” Nunca soubemos como o tal parágrafo terminava.

Mas houve também momentos de sublime dignidade e beleza. Uma noite, sou acordado mais cedo que o normal, chamado para a capela conventual, pois um monge morria. No meio da capela, entre os dois coros, povoados de hábitos escuros, estava o catre do moribundo. A comunidade cantava salmos penitenciais. O monge, a morrer, inaudivelmente, cantava também. De repente, tombou a cabeça e deixou de cantar. Tinha morrido. Dom Abade desce do trono, vai até o morto, puxa-lhe o capuz sobre os olhos, sai para a sacristia, acompanhado por dois outros monges. Alguém acende todos os círios do altar. Voltam os três, paramentados de branco. O coro alteia a voz no mais belo “laetare” que já ouvi. “Alegremo-nos pois a viagem foi terminada, o filho voltou à casa, e eu vos digo, aleluia!”

E, na grande certeza do Cristianismo, irrompe a seqüência de aleluias da Missa da Ressurreição do Cristo, fundamento e segurança nossa.

Júlio de Queiroz
in *Umas, passageiras; outras, crônicas*, Florianópolis: Imprensa
Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

(João Paulo) SILVEIRA DE SOUZA

Nasceu em Florianópolis, em 27 de julho de 1933.



COM OS BOTÕES DO SILVEIRA

Uma menina me convidou para uma entrevista. Queria falar sobre as minhas crônicas. Mas a crônica que eu faço não é “crônica”, não é de jornal como faz o Jair, o Aldirio, o Raul. Não é leve. A minha é ficção mesmo. Ficção em dimensões pequenas, quase um miniconto. Eu sei que é difícil delimitar a diferença entre conto e crônica, existem diversas maneiras de fazer os dois. Eu acho que vale aquilo que o Mário de Andrade falou, que aquilo que é um conto ou uma crônica é aquilo que o autor falou que é um conto ou uma crônica. Eu não sei muito bem a diferença, sei que a crônica é mais leve, não tem aquela densidade que se supõe que o conto possa ter. Uma crônica é um comentário alegre, brincalhão, bem-humorado, com um assunto do momento. Essa é a crônica de jornal, que não é a que eu costumo fazer. Normalmente eu pego uma história fictícia, que às vezes até pode ser de um assunto do momento, mas a pessoa que lê não relaciona. Ela é tão ficção que o leitor não percebe.

Escrevi muita crônica para jornal. Aliás, passei grande parte da vida em redação de jornal. Fiz entrevistas, reportagens, fui editorialista durante um ano. E escrevi crônicas. Era mais fácil do que fazer editorial. Eu sentava e a primeira bobagem que aparecia eu escrevia. Eu acho que a crônica é isso, esse *flash* que surge de repente e que não diz nada. Na verdade nenhuma crônica diz algo sério, por isso eu acho que é uma literatura menor, mais para jornal, é uma coisa para consumo imediato e depois a pessoa se esquece, no outro dia ninguém mais lembra. É isso: a crônica em si é um bordado sobre o nada. Você consegue com a crônica uma estrutura emocional, lírica, mas não está dizendo nada, o assunto em si não é sério, se é que existe assunto sério, eu não sei.

Agora estou escrevendo uma crônica semanal para um jornal da cidade, mas só que realmente eu não estou mais gostando de fazer crônica, por isso talvez não esteja saindo como eu gostaria que saísse. Passou a fase da crônica, aquela coisa foi quando eu vivia mais no tumulto, na roda viva da literatura. Hoje estou aposentado, desligado de tudo o mais, com aquelas reflexões mais metafísicas. E a crônica está cada vez se afastando mais de mim. Nem leio mais crônica, nem leio mais. E eu acho também que ela está mudando, está mudando a textura da minha crônica. Ficando mais meditativa. Me refletindo, o que eu acho que é natural.

Agora estou com uma novela na cabeça, mas ainda nem tentei passar para o papel. Eu gosto que a coisa nasça. É isso que está acontecendo com o romance, agora ele está naquela nebulosa, ainda não chegou o momento de sentar e jogar para fora, pelo menos é assim comigo. Os contos que eu fiz foram assim, nascendo lentamente, com calma. Na verdade, neste momento não estou fazendo nada. Não sou daqueles que fazem exercício diário, sou indisciplinado. Só escrevo quando a

coisa começa a me perturbar. Posso ficar um ano sem escrever uma linha. A gente escreve um ofício, uma carta, e só. Ficção fico meses sem escrever, até que um dia de repente pinta um assunto e eu percebo que está me incomodando. Daí, vou para o computador. Tenho que jogar para fora.

Lembro que comecei escrevendo a mão, lá pelos anos 50. Depois para passar para a máquina de escrever foi um trabalho. No início não saía nada, então eu escrevia a mão e depois datilografava. Fazia dois trabalhos. Até que comecei a trabalhar no jornal e então eu aprendi. Há uns cinco anos eu comprei um micro. Foi difícil de aprender, só que o computador é parecido com a máquina. Não estranhei muito. O computador começou a me conquistar, já que eu ganho tempo nas correções. Quando eu escrevo modifico muita coisa, mudo tudo, rasgo. Escrevo tudo em pedacinhos.

Até hoje eu não sei se foi sorte ou azar virar escritor porque não sei se literatura é qualquer coisa assim como castigo ou outra coisa. Eu nasci numa família que tinha o hábito de ler à noite. Meu pai era funcionário público, e ele e minha mãe vieram do interior, lá de Campos Novos, e eu nasci aqui. Ele era filho de lavrador e fugiu de casa com 15 anos com mais um irmão, porque detestavam lavoura. Daí meu pai fez curso de contabilidade por correspondência. E chegou a ser um dos caras mais conhecidos da Ilha por causa do trabalho dele.

Pois ele era também um leitor emérito e tinha uma memória que eu invejo, porque a minha se apaga cada vez mais. Lembro de uma entrevista do Pixinguinha, em que ele dizia que estava esquecendo de tudo. Eu estou chegando aí, e acho que isso é ótimo. Acho que nada fica dentro da gente. Só a essência fica dentro. Aqueles detalhes, as explicações, isso é que você tem que esquecer, porque você não tem que dar explicação para coisa nenhuma. Eu acho, pelo menos.

Eu lembro que desde garoto eu já ficava ouvindo literatura. Depois do jantar alguém pegava o livro, como as Mil e uma noites, e ficava lendo, em voz alta, um livro que tinha continuidade. Lia Machado de Assis, Balzac. Realmente, o primeiro contato que eu tive com a literatura foi através do ouvido, não foi através da leitura. Foi a partir dali que comecei a me interessar. Comecei a ler de tudo, li muita revista em quadrinhos, e também clássicos. Mais tarde, naturalmente, eu comecei a escrever, uma coisa levou à outra. O colégio naquela época também exigia muita redação. Eu era craque na redação, e o professor quase sempre lia em voz alta.

Mas eu não lia o tempo todo não. Brinquei muito quando era criança. Sempre morei no centro, e gostava de pescar baiacu. Me criei na beira da praia. Na Baía Sul. Lembro que tinha três trapiches. Hoje é aterro, antes era praia. Ali a criançada se divertia. Passei a infância ali. Hoje a praia não me seduz mais não. Acho que já passei tanto tempo em praias que hoje ela já não me atrai.

Aliás, hoje pouca coisa me atrai. Até a cidade. Cresceu muito, mudou

muito. Ela era mais calma, mais bonita, mais provinciana. Está se tornando cada vez mais uma cidade como outra qualquer, aquela teia urbana louca. Antes eu conhecia todo mundo na cidade. Sabia até o que o cara ia fazer. Hoje eu vou na praça e não conheço ninguém. Por isso eu fico em casa, lendo, trabalhando no computador e escrevendo. Passei muito tempo fora de casa. A maior parte da minha vida eu chegava em casa só para dormir. Viajava muito, estava ligado a grupos fazendo jornais, participando de movimentos de teatro e até de música. Meu pai me ensinou a tocar flauta transversa. Na década de 50 teve uma orquestra juvenil da qual eu fiz parte.

Agora eu sou um funcionário público aposentado, moro com a minha esposa Marlene, tenho um filho casado e fico em casa, fazendo trabalhos de formatação de livros para editoras, vendo filmes, escutando música. E lendo e escrevendo. Lendo e escrevendo. Lendo e escrevendo.

EU E MINHA MÃE

Pior que tudo é essa casa enorme, com este enorme quintal, que meu pai nos deixou, a mim e a minha mãe. Antes, quando meu pai vivia, havia sempre gente a se movimentar, entrando e saindo de seu consultório, que hoje é um porão espaçoso e vazio. Havia sempre sons de vozes, cachorros latindo nas correntes e, à noite, as luzes todas ficavam acesas até altas horas, enquanto as empregadas corriam da cozinha para a sala de visitas, carregando bandejas, pratos de bolos e salgados e cálices de licores.

De repente, meu pai morreu de um enfarte. Tudo se transformou. Vendemos os aparelhos de medicina, o consultório é o porão vazio. O aluguel das duas pequenas casas de subúrbio permite que hoje eu possa cuidar de minha mãe, sem outras preocupações. Deus do céu, eu não poderia ter qualquer outro tipo de preocupação!

No instante preciso em que soam as batidas do antigo relógio, marcando sete da manhã, eu escuto os arranhões na porta do quarto da mamãe. Sei então que é preciso ir à cozinha preparar o mingau de aveia habitual para o seu sossego durante umas poucas horas. Preparo-o no fogão a gás, derramo tudo em seguida numa tigela funda e, juntamente com uma colher, deixo a tigela sobre o chão, frente à porta do quarto. Mamãe insiste em não ser vista, por isso eu me retiro pelo corredor, mas já aconteceu de, algumas vezes, surpreender a sua mãozinha murcha e de unhas afiadas a sair pela porta entreaberta em busca do vasilhame.

Contíguo à sala de visitas, está o meu quarto e escritório. Ali eu fico continuamente na espera das vontades de mamãe, durante o dia e a noite, ora a arrumar os meus selos, ora a cochilar um leve sono intranquilo, ora sentado na cadeira de balanço que era de papai, tendo sobre os joelhos um volume de sonetos de Olavo Bilac. Também costumo debruçar-me à janela e espiar a rua, mas nesses momentos o meu coração se confrange, quando vejo passar garotas tão ágeis, tão frescas, tão ousadas, com os seus risos de cálices partidos, os seus olhares de radiações púrpuras...

Para vocês, que me têm piedade e dizem que a minha situação é humilhante e servil, posso esclarecer: seria desumano afastar-me de mamãe, deixá-la solitária e sem a assistência de uma pessoa que compreenda todos os seus atos e as suas vontades. Certa noite, num reprovável instante de desespero, gritei irritado à porta de seu quarto

que iria embora para sempre viver o meu próprio destino, com independência, com personalidade. Um profundo silêncio no quarto foi a primeira resposta. Depois, escutei o levantar da guilhotina da janela. Corri para o quintal e gritei, olhando para cima:

- Perdoa-me, mamãe! Eu não passo de um egoísta idiota! Estou arrependido! Jamais vou sair de perto de ti!

Então consegui ver lá no telhado e dentro da noite o seu vulto encolhido, que parecia me olhar com ternura, cheio de gratidão e reconhecimento.

Quando o vento sul zune em todas as frestas e põe em nossas gargantas aquele sabor de cinza, eu sei que minha mãe se impacienta em seu quarto e deseja sair. Nessas noites, sempre finjo que estou a dormir, sentado na cadeira de balanço, mas escuto com redobrada atenção os seus passinhos de sombra - lept, lept - que visitam toda a casa. Depois me levanto e, mudando de uma janela para outra, fico a vigiar os seus passeios pelo quintal ventoso, o rosto incolor e pequeno que murmura lembranças incompreensíveis.

Se às vezes me descobre, esconde-se no porão. Eu corro a sua procura e então subimos e descemos escadas, atravessamos mil vezes as mesmas portas e os mesmos corredores. E eu sinto que, pior que tudo, é esta casa enorme, com este enorme quintal.

Silveira de Souza

in *Canário de Assobio*, Florianópolis: Lunardelli, 1986.

O BRAÇO DIREITO DE NOÊMIA

É difícil dizer porque me casei com Noêmia. Talvez porque o restante das mulheres me intimidasse, talvez porque Noêmia, além da amizade que privávamos desde meninos, jamais tivesse feito restrições ao magro ordenado da minha repartição. Quando adolescentes, muitas vezes brincamos de esconde-esconde, ela saía a correr, toda gordinha, semi-ocultava-se atrás da porta de despensa, eu fingia descobri-la, puxava-a pelos braços, ficávamos um bom tempo agarradinhos, era um sarro.

Confesso que, ao concordarmos em casar, a despeito das mil e uma confidências trocadas, eu senti algum temor. Sou covarde de natureza. Noêmia crescera mais do que eu, era gorda, a minha cabeça se perdia entre os seios volumosos, e eu tive medo. No entanto, se o temor não se revelou absurdo, deslocou-se para uma direção absolutamente insuspeitada.

Uma noite, seis meses depois do casamento, acordei angustiado, sentindo que um peso estranho me sufocava. A custo acendi a luz e vi estendido sobre o meu peito o braço direito de Noêmia, extraordinariamente desenvolvido, monstruosamente inchado.

- Noêmia! Noêmia! Acorde! Veja o seu braço! Gritei espavorido, sacudindo-a.

Noêmia abriu os olhos e não prestou a mínima atenção para a excrescência. Apenas falou muito séria e decidida, sentada na cama, um enorme seio a saltar-lhe da camisola:

- Precisamos melhorar de vida.

* * *

Ela se recusa a consultar um médico e os seus olhos têm um permanente brilho esverdeado de ambição, enquanto o braço direito vai crescendo, crescendo, crescendo. Mas, o terror e o asco que me assaltavam no início, com o tempo se extinguíram. Comecei a entender que o tamanho incrível e a força do braço direito de Noêmia não deixavam de ter seu aspecto protetor. Uma poderosa mãozorra espichava-se da porta da casa, como a cabeça de infundável serpente, me seguindo rua afora até o trabalho.

Gaiatos, nas calçadas, ameaçavam rir e depois se continham, engoliam as piadas, ficavam a olhar com a cara desenxabida os meneios impositivos e constrangedores daqueles cinco dedos gigantescos.

Começo a progredir na repartição. O ar ousado, as atitudes impertinentes que venho assumindo ultimamente para com meus superiores e que atravessam a carapaça de falsa sensatez e estudada circunspeção que procuram revelar, como atores num palco, para atingir o fundo de suas mediocridades, essas impertinências - eu sei - ferem de modo impiedoso o íntimo de cada um deles, mas os rostos nada transparecem, as palavras são medidas e corteses e apenas os olhos, de vez em quando, desviam-se assustados e espiam de esguelha o imenso braço que sempre me acompanha. Dois aumentos substanciais me foram proporcionados, mediante legislação especial, em menos de um ano.

O braço direito de Noêmia abriu muitas portas, levou-nos à segurança material e ao prestígio social. Recebo todos os dias inúmeras propostas tentadoras e convites os mais refinados. Se me examino ao espelho, mal posso acreditar que um dia fui indeciso e covarde. Afinal, eu aprendera as respostas que todos exigem de todos, neste mundo cheio de executivos cristãos.

* * *

Céus, como tudo pode se transformar assim de repente? Noêmia definha terrivelmente há duas semanas. A cada dia que passa, é mais braço direito e menos Noêmia. Está febril, delira. Não posso dormir sabendo que, minuto a minuto, se avoluma uma desmedida jibóia, enroscada ao pé da cama.

O desespero invade meu coração. Afinal, por que casei com Noêmia? Aonde estava com a cabeça? Por que sempre fui conduzido a praticar coisas que não vinham do fundo do ser?

Talvez porque, etc., etc., etc.

Silveira de Souza
in *Os pequenos desencontros*, Florianópolis: Imprensa
Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.

UM TEMPO DE FOTOGRAFIAS

Como se fosse possível, com o avançar da idade, esquecer aqueles pequenos incidentes perdidos em algum lugar da infância! Talvez mesmo eles acabem por se tornar de novo tão intensos como o foram no instante da ocorrência, há trinta ou quarenta anos atrás, agora que o medo vai apagando sempre mais os entusiasmos da mocidade, as ilusões de conquista, os impulsos de escrever a coisa grandiosa, que se transferem para as novas gerações. Do ofício de escrever, fica o hábito. E o hábito não se importa em conquistar públicos e mercados, nem com o louvor da crítica. Importa-se somente em ter alguma coisa que mastigar, como se faz com as engrenagens ociosas para que não enferrujem de vez. Pois bem, poderia ser assim: uma tarde qualquer do início da década de 40. Dois garotos de calças curtas e pernas sujas trazem a nossa casa, em alvoroço, a máquina fotográfica volumosa, preta, na forma de um paralelepípedo negro, uma Kodac “tipo caixão” como se dizia na época. Tratava-se de um prêmio de rifa e durante algum tempo, a partir daí ficamos todos presos ao delírio da imaginação que nos proporcionava o fascínio daquela nova tecnologia.

ENQUADRAMENTO 1

Prima Justina jamais tirara antes um retrato. Quando a levamos em alegre procissão para o pequeno jardim de nossa casa burguesa, ela já se iniciara numa demorada preparação. Prendera um laço de fita vermelha nos cabelos lisos e abundantes, trazia o vestido domingueiro, branco, longo, de mangas fofas e repolhudas, cheio de enfeites rendados. Era pela manhã e as hortênsias e margaridas floresciam nos canteiros. Fizemos com que prima Justina ficasse sob o sol.

- Justina, olha o passarinho!

- Justina, chega mais pra lá!

- Vou contar até três, viu?

- Atenção! Agora! Sorria!

Clic! Sorrindo, iluminada pelos raios de sol, prima Justina era puro nervosismo e talvez fixasse no coração aquele instante de emoção singela que nos envolve sempre quando somos o alvo de experiências tão inéditas.

Mais tarde, quando demoliam a nossa casa, esforcei-me por reencontrar a prima Justina daquele exato momento, ao vê-la amarelecida entre as páginas de um velho álbum de família esquecido no sótão.

ENQUADRAMENTO 2

Aos domingos, saíamos em busca de cenários pitorescos, que se repetiam com frequência. Eram as fotografias a beira-mar, vendo-se pedras que se levantavam das águas como seios; ou as fotos no Jardim da Praça XV, quando árvores, gramados e flores compunham motivos de fundo às pessoas sentadas naqueles bancos construídos de barras espaçadas de madeira, pintadas de verde, que não existem mais. Eram os flagrantes colhidos na Ponte Hercílio Luz, nas escadarias das igrejas, nos antigos trapiches da Baía Sul.

Tirar fotografias constituiu-se numa paixão única e quase obsessiva. Levantavam-se discussões sobre ângulos e planos, sonhavam-se cenários, brigava-se. Mas tio Leopoldo, para unânime irritação da família, nunca permitiu outra senão a sua “pose” predileta: sentado numa cadeira, as pernas cruzadas, sem chapéu, exibindo a calva total, apoiava sisudo uma das mãos espalmada sobre a coxa, enquanto a outra, soerguida ao nível do peito, prendia entre os dedos um longo e inseparável cigarro de palha.

Durante a semana levávamos ansiosos o rolo de filme para a revelação, subindo os gastos de degraus de madeira da estreita escadaria do ateliê de dona Josefina, na rua Conselheiro Mafra.

Como em geral acontece, pouco a pouco o furor fotográfico esmoreceu. A Kodac, largada em cima de um guarda-roupa, cobriu-se de poeira e um dia sumiu. Tio Leopoldo já morreu. Prima Justina voltou para o interior do Estado, mergulhando na sua irrecuperável insignificância. Nunca mais a vi.

O tempo das fotografias é um “flash” ocasional na lembrança. Como as musiquinhas da infância que vez por outra teimam em ressoar no ouvido. E que vem agora alimentar o fastidioso hábito de escrever do cronista.

Silveira de Souza

in *Canário de Assobio*, Florianópolis: Lunardelli, 1986.

JAIR FRANCISCO HAMMS

Nasceu em Florianópolis, em 11 de abril de 1935.

O ANDADOR

- Bom dia, Hamms. Tudo bem?
- Tudo bem. E contigo?
- Tudo certo.

Hamms estava caminhando. Tinha esse hábito: onde estava, caminhava. Não interessava se estivesse em sua casa de praia, na Armação, Sul da Ilha, ou na outra casa, no Bom Abrigo. Dizia que costumava andar mais de sete quilômetros por dia, num ritmo puxado.

- Escrevendo muito?
- Só nos finais de semana.
- O trabalho não deixa...
- É.

Hamms, resfolegante, tinha diminuído o ritmo da caminhada. Os cabelos brancos e lisos, na altura dos olhos, estavam em desalinho. Tinha abandonado os óculos de grau e agora só usava lentes de contato. Trabalhando há 11 anos numa empresa de publicidade de sucesso, da qual era sócio-fundador, reconhecia que não lhe sobrava muito tempo para mais nada.

- Estás escrevendo o quê?

Os olhos de Hamms brilharam. Desde pequeno, na Rua Bovaiúca, onde tinha nascido, tinha paixão pelas letras. Costumava dizer que não podia parar de ler nunca, sempre havia algo mais. Tinha se alfabetizado sozinho, com os gibis do irmão. Depois, graças ao vizinho Anibal Nunes Pires, tinha começado a ler Machado de Assis e outros escritores. Daí para cair num jornal foi um passo. Logo estava escrevendo editoriais, e depois crônicas. Achava fácil, aproveitava os acontecimentos do dia-a-dia para fazer crônicas bem-humoradas. O que contava era a idéia, depois tudo corria solto. Escreveu para jornal anos e anos, diariamente. Só que um dia cansou. Achou que havia passado a fase. Seu projeto agora era outro. Maior. E estava lhe dando uma sensação espetacular.

- Um romance. Meu primeiro romance.

O brilho nos olhos de Hamms era ainda mais forte, e espantava uma alegada timidez. Gesticulando muito com as mãos, ele parecia um italiano, o que era totalmente falso, já que seu pai era descendente de alemães e sua mãe de açorianos.

- Sobre o quê?

- É sobre um tipo muito instigante, que teria nascido em Santos e vindo para cá aos 12 anos para estudar no Catarinense. Ficou um tempo, foi embora para São Paulo, e acabou retornando para Florianópolis, onde estaria morando na Costa de Dentro. E ele é muito estranho porque ele é muito feio, quase uma aberração. Rosto que lembra um pássaro, a testa pequena, a boca é um risco. E a vida inteira ele sofreu com isso. Só que além de ele ser muito feio, ele também é

superlativamente inteligente. Sempre foi o melhor aluno, é poliglota, e por aí vai.
- explicou.

- Parece bom.

- Olha, eu estou achando que a possibilidade dele ser muito bom é mínima, mas a de ser muito ruim também é.

- Sabe o que ele me lembrou?

- O quê?

- Um outro personagem teu. O D. T. Tive.

- Nossa, nem me lembro direito como ele surgiu. Lembro que ele era o típico manezinho da Ilha. Sujeito pobre, ignorante, mas muito ladino, muito esperto. E ainda era desempregado. Foi um bom personagem, rendeu boas histórias, todas engraçadas.

- Só imagino um detetive em Florianópolis naquele tempo...

Hamms agora tinha parado de caminhar e mantinha o olhar perdido no horizonte. O sol estava se pondo e inundava a Ilha de um colorido alaranjado e denso. A cidade já havia mudado muito desde a sua infância, quando escutava histórias de bruxas, mulas sem cabeça e lobisomens nos dias em que faltava luz. Depois da criação da UFSC e da vinda da Eletrosul Florianópolis tinha inchado, e muitos casarões antigos tinham sido derrubados para permitir a construção de novos edifícios sem nenhuma criatividade.

- Tinha um tempo em que eu andava na rua e só de ver a pessoa andar já sabia de quem era filho... Agora, até o camarão mudou. Hoje não se encontra mais aquele caldo que a gente comia, feito pelos pescadores nos ranchos das canoas.

- Mas a cidade ainda é linda.

- É, confesso que ainda existem vários recantos que preservam o charme da Ilha. Basta passar na Costa de Dentro, ou em Santo Antônio de Lisboa.

Depois de ter voltado a caminhar mais um pequeno trecho, Hamms estava agora parado em frente a uma casa. No portão, uma mulher sorria.

- Oi, Dona Lúcia Maria Primeira e Única.

- Oi, amor.

Com um sorriso nos lábios, Hamms perguntou para a esposa como estavam as ostras que havia deixado defumando antes da caminhada. Gostava muito de cozinhar, e num determinado dia, depois de ter achado muito caro o preço de um pote de ostras defumadas da Coreia, resolvera tentar fazer em casa. As primeiras ficaram horríveis, mas depois de muitas tentativas já estava virando um expert.

- Parecem estar quase no ponto.

- Bem, eu vou indo então.

- Não quer jantar?

- Fica para outro dia.

- Até lá, então.

- Até, Jair.

DOMINGOS DO DOMINGOS

Era domingo. Aliás, era sempre aos domingos. Domingo era dia do Domingos, tamancos, calça de brim branco barato, camisa sem colarinho de listras fininhas em preto e branco, chapéu creme brigando com o rosto escuro, domingo era dia do Domingos passear com o curió.

Manhãzinha, ainda, e o Domingos, gaiola na mão espalmada, feito bandeja, saía de casa. Onde morava, precisamente, não sabíamos. Sabíamos que no fim da Bocaiúva. Se no morro do Céu ou da Nova Trento, nunca soubemos. Num deles, talvez. Ou em nenhum. Pouco importa.

Importa que, aos domingos, cedinho cedinho, galo cantador ainda cantava, dorminhoco ainda dormia, e o Domingos já tamanqueava pelas calçadas de quadrinhos da rua Bocaiúva, acordando a cachorrada estremunhada.

- Bom dia, Domingos. Como vais?

- Dando um arezinho no Artur.

Artur era o curió. Um curiózinho velho, muitos anos na gaiola, penas sem brilho, senil e murcho, bico sem canto.

- Artur? Que Artur?

- Mo curió, homi. Nomi dele é Artur. Nomi do mo fio, qui faleceu. Faleceu tem vinte anos já. No dia qui morreu, este qui tá qui nasceu. Descascou o ovinho, abriu o biquinho, uma lindeza. Botê logo u nomi di Artur.

Domingos dizia que o curió Artur era o filho Artur, que falecera. Que o espírito do filho encarnara no curió.

- Intende tudo co digo. Vem nu dedo, fio.

O curió pulava no dedo.

- Dobra pru dotô vê.

E o Artur dobrava, um canto rouco, mais ar que som.

Um dia, também era domingo, e o curió amanheceu morto.

Artur, parece, nos últimos instantes de vida, lutara pela liberdade: a cabeça, pequeno pêndulo preto, jazia fora da gaiola. O resto do corpo, montículo de penas escuras, continuava preso.

Domingos, em prantos, narrava a morte do Artur.

- Amanheceu morto, hoje, dotô. A cabecinha pra fora da gaiola, as garrinhas pro alto, peninha pra todo lado. Uma tristeza. Não tenho mais nada. Tô sozinho.

Domingos, pela derradeira vez, tamanqueou na rua Bocaiúva: à noite do mesmo dia, morreu. Deitou-se nas escadas da Igrejinha de São Sebastião e se foi. Na mão esquerda o chapéu creme, sujo e roto. Na outra, estranho amuleto: uma peninha do Artur. A chave do céu, certamente.

Jair Francisco Hamms

in *Estórias de gente e outras estórias*, Porto Alegre: Flama, 1971.

O DETETIVE DE FLORIANÓPOLIS

Desempregado, endividado, nervoso, aporrinhado à beça, Domingos Tertuliano Tive abriu a janela de sua quitinete e esbarrou em Florianópolis.

- Cidade de merda, onde a gente não encontra um miserável de um emprego! - disse ele aos seus botões.

- Principalmente para malandros da tua marca! - exclamou o apertado botão do colarinho, já habituado àquela espécie de diálogo.

- Mas tem muito malandro aí, malandro e incompetente, ganhando um dinheiro no mole! - tornou ele, irritado.

- Isso é verdade. Mas não é por isso que vais ficar aí, parado, esperando que caia dinheiro do céu - disse um esquecido botão da braguilha, já despencando da linha podre. - Te mexe!

- Te mexe! Te mexe! Vocês só sabem dizer isso! Mas mexer com o quê?!? - indagou ele aos berros.

- Florianópolis cresceu muito, Domingos - respondeu, mansamente, o sociável botão do punho direito. - Quem sabe detetive? Que eu saiba, a cidade não tem um só detetive particular.

- Detetive? É isso aí! Detetive!!!

* * *

Com dinheiro emprestado, publicou um pequeno anúncio nas páginas de classificados:

D.T.TIVE

Detetive particular

Absoluto sigilo

Fone 777777

E ficou aguardando a primeira chamada. Que não tardou.

- Alô.

- É o senhor Tive?

- Sim.

- O detetive?

- Sim.

- Roubaram o meu papagaio.

- E daí?

- E daí é que era um papagaio de estimação.

- Características?

- Do quê?

- Do papagaio, pô!
- Era verde...
- Mas isso é claro. O senhor queria que fosse o quê? Azul?
- Poderia ser. O meu cunhado, o meu cunhado não, o irmão do meu cunhado tinha um, que ele ganhou do dono de um bar, bar e restaurante, um tal de Eustáquio, Eustáquio ou Bonifácio, não sei bem, um velho que passava o dia inteiro com um charuto apagado nos beíços, que era azul, com o pescoço amarelo e o rabo...
- O seu cunhado tinha uma arara!
- Não é meu cunhado. É o irmão do meu cunhado.
- Que seja. O irmão do seu cunhado tinha uma arara!
- Não era arara!
- Era arara!
- Não era arara!
- Tá bem! Não era arara. Mas e o seu papagaio? Era novo? Falava?
- Falava. Falava tudo. Contava piada de sacanagem. Fazia conta. Cantava. E encantava. Comia pipoca. E era Flamengo.
- Quanto valia?
- O quê?
- O papagaio, pô! O preço real?
- Não era papagaio real.
- Tô perguntando o preço. Quanto valia o louro?
- Não era louro. Era verde. Já disse.
- Tá de gozação?
- Domingos?
- Sim.
- Quem tá falando é o Pereira, pô! Qual é essa de detetive? Veio o segundo telefonema. Não parecia trote.
- Alô.
- É o detetive D. T. Tive?
- Sim.
- Eu me chamo Ambrósio. Queria marcar uma hora para hoje. Dá?
- Que dá, dá. O problema é que estou com o escritório em reforma... Só se for em sua casa, porque no meu apartamento igualmente não dá. Tá em reforma, também.
- Na minha casa é impossível, senhor Tive. Quando conversarmos, o senhor vai compreender o motivo. Poderíamos marcar em outro lugar, então?
- Na figueira.
- Na figueira da Praça 15?
- É. Às vezes atendo meus clientes ali. É discreto e saudável.
- Que horas?
- Pode ser já.

* * *

- ... aí, quando ela dormiu, sono pesado, roncando como uma porca, notei uma mancha no pescoço dela.

- Mancha de que cor?

- Roxa.

- Roxa ou violeta? Ou era mais para rubra?

- Não. Roxa.

- De que forma a mancha? Arredondada?

- É. Arredondada.

- E que horas a dona Aurora chegou?

- Estava clareando o dia. Cinco e meia, seis horas. O que é que o senhor acha?

- É um caso a investigar. Que idade ela tem?

- Ela é 31 anos mais moça do que eu. Estou com 60. 60 menos 31 dá 29. É, ela tem 29 anos.

- Tem fotos dela?

- Tenho algumas. Olhe: aqui, foi quando ela ganhou o concurso de senhorita suéter.

- Hummm, hummm.

- Aqui, foi em Camboriú, quando ela venceu o concurso da mais bela tanga.

- Hummm, hummm. Quando ela participou desses concursos, já estavam casados?

- Não. Nós casamos só faz quatro meses. Passamos a lua-de-mel no Rio. Mas brigamos.

- Brigaram por quê?

- Por bobagem. Nós fomos a uma boate e, quando chegamos, ia começar um concurso do mais belo bumbum. E ela entendeu de participar. Então, eu disse para ela que achava que aquilo não ficava bem numa senhora casada, uma senhora de respeito. Só por causa disso, ela passou vinte dias sem olhar para mim. Sofri muito. Só falou comigo quando eu concordei em dar este carro conversível aqui desta foto de presente pra ela. Ela é muito geniosa, sabe?

- Sei. E quem é este rapaz que aparece aqui com ela?

- É um primo dela. Mas não sei o nome.

- Foi a primeira vez que a dona Aurora chegou ao amanhecer?

- Foi. O mais tarde que ela chega é meia-noite, uma hora. Toda noite ela joga com as amigas. Ela gosta muito de buraco.

- E o senhor? Não gosta?

- De buraco?

- Sim.

- Não.
- Hummm, hummm.
- Que é que o senhor acha?
- É um caso a investigar. O senhor trabalha onde, seu Ambrósio?
- Tenho 17 apartamentos alugados. E 13 lojas. E tenho uma fazenda, em Lages. Que é que o senhor acha?
- Do quê?
- Do meu caso.
- É um caso a investigar.
- Quanto vai custar o seu serviço?
- Cobro em dólares. Para início dos trabalhos, mil.

* * *

- ... aí, ele disse que quando a senhora dormiu, sono pesado, roncando como uma porca, viu uma mancha roxa no seu pescoço.
- Velho cachorro! Mas ele me paga!
- Depois falou sobre o concurso de bunda na boate do Rio.
- Velho vasilha! Mas ele me paga!
- E mostrou a foto da senhora com o seu primo no carro conversível. Porém, a senhora vai me desculpar, dona Aurora, mas eu já descobri que o Sérgio Murilo é casado e não é seu primo. É que foi o seu primeiro namorado. Mas a senhora pode contar comigo. Estou aqui para que tudo saia bem. Para que tudo tenha um final feliz. Final feliz para todos.
- Já entendi tudo. Quanto custa, Tive?
- Cobro em dólares. Para a senhora, que é uma cliente boa, só mil.
- Isto dá quanto, em cruzeiros?

* * *

- ... aí, seu Ambrósio, descobri que aquela mancha roxa foi um soco que uma tal de Odete, morta de raiva, deu no pescoço dela quando ganhou a quinta partida naquela noite. Dona Aurora tem muita sorte no buraco.
- Que alívio. O senhor, seu Tive, tirou um peso enorme da minha cabeça. Quanto lhe devo ainda?
- Só mais mil dólares.

* * *

Organizado, Domingos Tertuliano Tive soube aproveitar muito bem o dinheirinho honestamente ganho com o seu primeiro caso. À vista, comprou três ternos, meia dúzia de camisas, uma coleção de gravatas, três pares de sapatos e muitas meias e cuecas. Sem contar um anel de platina, com bela ametista, que passou a usar no dedo mínimo da mão esquerda, o mesmo em que, há muito, conserva a unha comprida feito lâmina. Além disso, deu entrada na compra de um escritório e adquiriu móveis e novo telefone.

Hoje, à rua Felipe Schmidt, número 888, à direita de quem se dirige à ponte Hercílio Luz, sobre a marquise de um pequeno edifício de três andares, nosso herói mandou afixar belíssima placa com letras verdes em campo branco:

D. T. TIVE
Detetive particular
fone 888888
Atende somente com hora marcada

* * *

Dizem que o telefone não pára de bater.

Jair Francisco Hamms
in *O detetive de Florianópolis*, Florianópolis:
Editora da UFSC/ O Estado, 1983.

CARNE-DE-SOL, MANTEIGA-DE-GARRAFA, INHAME

Foi em João Pessoa. Tomei o táxi e disse ao motorista:

- Vamos a Campina Grande, por favor.
- É um bocado longe, doutor. É melhor a gente combinar preços antes...
- Combinaremos durante a viagem. Vamimbora.

Alguns minutos mais, ainda dentro de João Pessoa, já havíamos acertado o preço.

- Tem parente lá, doutor?
- Não, não tenho. Vou lá pra conhecer o "Rei da Carne-de-sol". Conhece?
- Quem não conhece? Faz a melhor carne-de-sol do Nordeste. Além disso, serve o fino do inhame. E a manteiga-de-garrafa dele é especial. Vai lá só pra comer?
- Só pra comer. Já fiz coisa pior. Na minha terra, certa vez, viajei quatrocentos quilômetros só pra comer paça.

- Comer paça como, doutor? Comer muito?
- Não, cara. Comer paça, pô. Comer a carne de um mamífero roedor conhecido por paça. Entendeu?

- Ah, sim! Tem muito vento aí, doutor?
- Não. Tá bom. Esse ventinho faz bem.
- O doutor é filho de onde? Do Rio ou de São Paulo?
- Nem do Rio nem de São Paulo. Sou de ...

- ... Rio Grande do Sul, então!

- ... de Santa Catarina.

- Santa Catarina?

- Santa Catarina.

- Engraçado, doutor. O senhor não vai acreditar. Mas sabe que eu também nasci lá? Tenho meus documentos, aqui, pra provar. Sai de lá pequeno. Sete, oito anos. Meu falecido pai era embarcadiço, foi transferido pra Santos. Morei muitos anos lá, em Santos. Depois, fomos pro Rio. Servi o Exército e, quando dei baixa, tirei a

carteira e comecei a trabalhar com caminhão. Mas era muito cansativo. Viajava vinte, trinta dias, por esse mundo de Deus, sozinho, caminhão carregado, uma vida desgraçada. Vinha sempre pra cá, pro Nordeste. Aí arrumei pra trabalhar na praça, no Recife. Depois, vim pra João Pessoa. E daqui não saio mais. Terra abençoada. Já fiz minha casinha, tenho dois carros na praça. Este e o outro. Os dois são meus. E tá tudo pago. Os carros e a casa. Devo nada a ninguém. Mas... o doutor nasceu em Santa Catarina e mora ainda em Santa Catarina?

- Sim. Nasci lá e moro lá.

- Mas em que lugar?

- Na capital. Florianópolis.

- Pois justo na cidade em que nasci. Pode até ver os documentos.

- Você disse que saiu de lá com sete pra oito anos, não foi isto? Que idade tem, agora?

- Vou completar trinta e cinco anos, em novembro. No dia 9, se Deus permitir.

- Você tem a minha idade, então. Onde é que você morava, lá em Florianópolis? Lembra-se?

- O nome da rua?

- É. O nome da rua. Lembra-se?

- Não lembro, não senhor. O nome da rua não lembro. Sei que era pertinho de uma praia. E tinha uma igrejinha ao lado. Credo, já faz tanto tempo. Eu era muito menino. Acho que nem oito anos tinha. Penso que sete, só.

- Lembra da igrejinha?

- Ah! Da igrejinha lembro. Lembro porque a minha falecida mãe, que Deus a tenha, uma vez, num dia de procissão, me levou lá vestido como o santo da igreja. Pra pagar uma promessa de um mijacão medonho que tive e fiquei bom. Promessa pro São Sebastião, que era o santo da igrejinha.

- São Sebastião?

- É. São Sebastião. Disso eu me lembro. Um santo amarrado num pé de árvore, com flecha por tudo quanto é canto. Flecha na barriga, flecha na perna, flecha na cabeça, flecha por tudo.

- Na cabeça, não. Não exagera!

- É. Na cabeça parece que não tinha não. Só sei que os bugres encheram o pobre homem de flechadas. São Sebastião era padre, doutor?

- Padre nada, cara! Bem, isso não vem ao caso. Quero saber se você se lembra do nome de alguém daquele tempo. Perto da igrejinha tinha um velho que era latoeiro. Soldava balde furado, fazia caneco. O nome dele era Estevão. Lembra disso?

- Não, não lembro. Mas lembro do dono da venda: um homem que tinha este beijo aqui, o de baixo, deste tamanho. Uma coisa medonha. E corria uma baba...

- Era o seu Bajota.

- Isso mesmo. Seu Bajota. Mas como é que o senhor sabe?

- Morava ali ao lado, cara.

- O senhor???

- Sim, eu. E você? Você não morava numa daquelas casinhas do seu Pantaleão?

- Isso mesmo. Ao lado da casa do Azeitona.

- Perfeito. Do Azeitona, irmão do Xavier. Primo do Ganzola. Por acaso você não é o Vado?

- Sou o Vado. E o senhor é o ...

- Jair.

- ... irmão do Betinho?

- Irmão do Betinho.

Não comemos carne-de-sol, nem manteiga-de-garrafa, nem inhamé. Mas só de cana com caju bebemos três litros. Sem contar a com butiá, que é o meu fraco. É o forte do Vado.

Jair Francisco Hamms
in *O detetive de Florianópolis*, Florianópolis:
Editora da UFSC/O Estado, 1983.

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

Nasceu em Lauro Müller (SC), em 2 de novembro de 1938.

SEU FLÁVIO

O sopé da Serra do Rio do Rastro foi testemunha do nascimento do pequeno Flávio, boas décadas atrás. A cidade de Lauro Müller era então um lugarejo de onde se extraía carvão, e o povo, que tirava o sustento das minas, era pobre. A família de Flávio não escapara da sina, e as dificuldades eram sentidas na hora de comprar roupas, remédios, brinquedos. A diversão das crianças era ficar olhando a fileira de burros carregados que subia a serra, esperando que um deles despencasse no despenhadeiro, o que acontecia com alguma frequência, já que naquele tempo subia-se a serra por uma íngreme trilha de terra.

Na escolinha municipal, que também era pobre, não existia uma boa biblioteca. Como Flávio não tinha dinheiro para comprar livros, quase não os lia, apesar de sentir uma queda pelas redações escolares. Aos dez anos, piá ainda, foi para o seminário, como a grande maioria dos juvenzinhos da cidade. Na verdade não existia nenhum furor católico em Lauro Müller. Eles só queriam largar a miséria, ter uma outra opção de vida. A cena se repetia: o padre passava, e o rebanho de crianças ia atrás. Numa das vindas, foi-se o Flávio.

A experiência durou apenas dois anos, pois o menino sentiu que padre não seria, realmente não tinha queda. Gostava mesmo era da biblioteca do seminário, recheada de bons livros, pequena mas organizada. Os professores ajudavam, e o pequeno Flávio começou a sentir gosto pela escrita. Fazia coisinhas, que foram ficando cada vez melhores.

Bom também foi o primeiro encontro com o mar, aos 11 anos. Na verdade, foi indescritível. Flávio nunca havia visto tanta água junta, com aquele barulho das ondas, com aquela areia fininha. Daí, teve pena. Coitada das pessoas que nasceram à beira-mar. Nunca poderiam sentir a mesma emoção que ele estava sentindo naquele momento, em que se sentia tão pequeno e tão grande.

O mar foi tão marcante que aos 20 anos mudou-se para a capital, na verdade uma ilha cercada de água por todos os lados. Achou tudo uma maravilha, gostou de uma moça, casou-se, viajou para Porto Alegre, teve filhos, ficou uns anos, e retornou para Florianópolis, onde construiu uma casa em Santo Antônio de Lisboa, reduto de manezinhos da gema. Mais uma vez encantado com os encantos da cidade, começou a escrever sobre os temas ilhéus.

Trabalhou em jornais escrevendo crônicas, um gênero que fica entre o literário e o jornalístico, entre as coisas do cotidiano e as reflexões pessoais. Durante cerca de oito anos trabalhou diariamente em um jornal da capital, produzindo milhares de crônicas. Mas um dia cansou. Se sentia um pouco frustrado. Mesmo podendo escolher sobre o que iria escrever, na verdade o que ele tinha era que cumprir um compromisso, pois o espaço para preencher estava ali. Ainda assim,

era gratificante receber o retorno dos leitores. Cartas e mais cartas, muitos telefonemas. As suas crônicas estavam chegando perto do seu público. Elas eram leves, fáceis de compreender, bem-humoradas. Flávio sabia que era fundamental contar com boas doses de lirismo, sensibilidade e emoção.

Para formar o mundo de suas crônicas Flávio virava pesquisador. Descobria costumes, falava com o povo, aprendia o jeitinho pitoresco de ser. E a cada passada de olhos sentia que a Ilha era mesmo exuberante. Qualquer lugar onde fosse era lindo, desde os cajueiros do quintal de casa até as águas da Lagoa da Conceição ou os morros cheios de verde de Cacupé. Um dia Flávio se descobriu preso em Florianópolis. As maravilhas da Ilha eram insuperáveis.

Agora Flávio, que já é o Seu Flávio e tem um jeitão de avô pensativo, está pensando em retornar para sua terra natal. Mas só nas palavras. Quer publicar um livro de contos sobre Lauro Müller. Mas não tem pressa. Escreve no seu ritmo. Não tem obsessão de escrever. Para Flávio, escrever é uma necessidade, mas nem tão vital. Vai deixando para amanhã, se for o caso. O que ele não deixa para amanhã são as caminhadas, sempre diárias. Enquanto caminha, olha a natureza e percebe de novo que daqui, realmente, não sai.

DA ARTE DE COMER MELANCIA

Fico chocado quando vejo alguém comer melancia de qualquer jeito. Ainda ontem presenciei esta desgraça: o sujeito colocou a pobre fruta de pé, deu-lhe um talho de alto a baixo, pegou as duas metades e partiu-as também ao meio, deixando na mesa, numa poça d'água, um triste conjunto de quatro pedaços que foram sendo grosseiramente escavados. Nada da poesia que o evento pede. Uma coisa feia, mal-acabada.

Meu pai, sim, era um artista na arte de se comer melancia.

O requinte dele já começava na compra, em que fazia todo um investimento de boa paciência. Aproximava-se da carroça, avaliava o conjunto, rolava umas e outras, depois de algum tempo é que elegia a que mais o impressionou. Para já levar? Não, claro que não. Para examinar, com cuidado. Eram, se bem me lembro, uns três testes. Primeiro, o dos piparotes. Com o indicador, ele dava na barriga da melancia alguns piparotes que produziam um som que lhe traduzia, aos seus ouvidos experimentados, o grau de madureza a que a fruta havia chegado. Depois, agarrava-a entre as mãos, elevava-a à altura do ouvido e aplicava-lhe um forte aperto: o estalo resultante reforçava o diagnóstico dos piparotes. Por fim, determinava ao vendedor que abrisse na melancia uma janelinha. O homem trazia na ponta da faca uma fração da rubra polpa, que meu pai olhava com astúcia. Só então é que os dois falavam em preço. Se a parte comercial chegasse a bom termo, tínhamos melancia.

Mas a melancia não entrava logo na faca. Era do ritual deixá-la se refrescando um pouco num tanque d'água (não havia geladeira), para perder os calores acumulados na viagem da carroça. Até que, por fim, chegava o momento.

O modo do meu pai partir a melancia era, penso eu, o mais lógico e usual entre as pessoas de sentimento e bom senso. Só que ele fazia tudo com uma compenetração, como se estivesse desmanchando um relógio de ouro. Deitava a fruta, cortava-lhe uma ponta, cortava a outra e, com uma precisão máxima, rasgava-a em talhadas regulares, iguais entre si em largura e profundidade. Arrematava a cirurgia com um soquinho que afrouxava as talhadas, a primeira das quais entregava, gentil, a Dona Isaura. Depois é que autorizava o nosso ataque. E sabíamos bem: ninguém podia tocar no miolo, o

miolo ficava para o fim. Não entendo como é que alguém pode partir uma melancia sem dar tal ênfase ao miolo. De barriga já fazendo bico, íamos sempre ao miolo como ao momento central da festa.

A melancia, senhores, é uma fruta frívola, mais água que substância. Muito dos prazeres dela está mesmo é no visual e foi muito bom ter aprendido a comê-la também com os olhos. Sinceramente, fico até triste quando vejo por aí certas barbaridades.

Flávio José Cardozo

in *Beco da Lamparina*, Florianópolis: Lunardelli/Diário Catarinense, 1987.

SEU COISA

A palavra coisa é mesmo uma coisa. Pode ser coisa boa (“A festa foi uma coisa”), como pode ser coisa má (“Essa coisa só acontece mesmo comigo”). Um menino veio correndo contar para a mãe: “Mãe, o Coisa está coisando a coisa na coisa da Coisa”. Vejam como pode ser a coisa: dois substantivos comuns, dois nomes próprios e mais o sapequinha do verbo coisar.

Representativa que é de cada partícula do universo, coisa varia de sentido conforme a entonação que o usuário der. Pode envolver alegria, espanto, ódio, desprezo, amor, tristeza. Supre a ausência de palavras esquecidas ou não sabidas (coisa é muito companheira, muito serviçal), realça a expressão e, quanto a mim, tem me deprimido um pouco.

Tem sim. É o caso de uma vizinhazinha de seis anos que teima em só me chamar de Seu Coisa. Não vou dizer que isso me desestruturou lá nas minhas profundezas. Não, não. Mas que me acabrunha um pouquinho, ah! Me acabrunha. “Seu Coisa, a dona Isabel está”? Faço de conta que não escuto o tratamento, só a pergunta que ela faz, e respondo com toda a educação. Outra hora ela indaga: “Seu Coisa, a Leonora está”? A mesma coisa: respondo numa boa, sem fazer cara feia. Mas juro que me sinto meio porqueira, meio insignificante.

No meio da semana passada, me dispus a tentar corrigir a situação. Sei que o nome dela é Maria Jandira. Dei um jeitinho, puxei conversa, inventei uma bobagem: chamei-a de Maria Corruíra. Ela me olhou com surpresa, mas continuou brincando. Passou um pouco, voltei à carga: “Quantos anos tu tens, Maria Corruíra?” Ela então me encarou com uma brasiinha nos olhos e me disse: “Não sou Maria Corruíra, tá, Seu Coisa!”. Aproveitei: “E a senhorita sabia que meu nome não é Seu Coisa, é Seu Flávio?”. Falei isso sem nenhuma rispidez, claro. Eu não estava ali para estabelecer polêmicas, já bastam as guerras do mundo. Queria apenas aplinar civilizadamente algumas diferenças existentes entre nós dois. Ela continuou no seu brinquedo, não muito preocupada. “Como é mesmo o meu nome?”, fui experimentar, cinco minutos depois. “Seu Coi... não, não...” - e ficou muda. Pensei comigo: que droga, será que meu nome é tão esquisito e eu não sabia? Repeti a lição: “É Flávio. Flávio. Flávio”.

Nunca na vida tive o despudor de usar tantas vezes meu próprio nome. “Seu Flávio, Seu Flávio, Seu Flávio”, ficou ela dizendo, não sei se com vontade de aprender, se por deboche.

Ontem Maria Jandira veio brincar. Fiquei na janela, quietinho, à espera de uma oportunidade para testá-la de novo. Mas foi brabo: num determinado momento, ouvi-a dizendo algo como “O Seu Coisa não quer que eu chame ele de Seu Coisa”.

Saí da janela convencido de que sou mesmo uma coisa para a minha vizinha de seis anos.

Flávio José Cardozo

in *Senhora do meu Desterro*, Florianópolis: Lunardelli/Fundação

Franklin Cascaes, 1991.

APERTÃO

Amâncio jurou pela alma da mãe, pelas sete dores de Nossa Senhora, pelo sangue de Cristo, mas não adiantou. Dona Ibrantina botou na cabeça que foi por safadeza e pronto, ninguém tirava aquilo da cabeça dela: foi por safadeza.

- Não foi, mamãe - repetia a filha, em defesa do marido.

- Foi, foi, foi - e dona Ibrantina chorava. Chorava de se poder aproveitar para lavar o carro. - Foi, foi, foi.

Não foi. Aconteceu com Amâncio um desses movimentos automáticos a que está sujeito qualquer mortal pela força do hábito. Dona Ibrantina não entendia o fato de teimosa que era. Se, por mais de dez anos, Amâncio cultivava o prazer de, de mansinho, chegar por trás e - zapt - dar um beliscão na bunda da mulher, era muita severidade dela não perdoar o engano, pota vida!

- O Amâncio pensou que fosse eu, mamãe. Nunca que ele ia fazer isso por gosto na senhora. Imagine...

Dona Ibrantina não queria conversa. Trancou-se. Desde que enviuvou, há dois anos, morava com a filha e o genro e era a primeira vez que ficava assim daquele jeito, zangada com alguma coisa. Barbaridade, como se ofendeu! E nem chegou a ser um apertão demorado. Claro, foi um negócio terrível - mal apertou, Amâncio sentiu o erro: não era a mulher, era a sogra, arghhh! Ela ficou vermelha, azul, amarela de espanto, ele balbuciou "perdão, perdão", ela botou duas foices no lugar dos olhos, mostrou os dentes, parece que ia comê-lo vivo. Seu patife, seu imoral, seu nojento! Muito raivosa a dona Ibrantina diante de um apertão por engano.

- Mamãe, o Amâncio anda tão trístico, fala com ele, fala. Errar é humano, mamãe.

Passou uma semana, passou outra, o ar sempre pesado, dona Ibrantina era uma rocha, não cedia.

- Pois sabe duma coisa? - anunciou Amâncio, certa noite, perdendo a paciência. - Sabe o que é que vou dizer pra dona Ibrantina? Vou dizer: "Dona Ibrantina, a senhora tem toda razão: não foi por engano mesmo. Apertei a senhora,

naquele dia, porque... porque... porque a senhora, dona Ibrantina... Deus que me perdoe... porque a senhora até que, cá pra nós...”

- Amâncio!

- Vou dizer, sim. Já que ela diz que fiz por querer, que assim seja. Pode ser que mentindo...

Pois dona Ibrantina ouviu, não ficou vermelha, nem azul, nem amarela, ficou apenas ouvindo, muito senhora de si, o busto bem empinado, o queixo altivo. Não respondeu, foi para o quarto, a filha atrás.

Amâncio esperou.

- Mamãe perdoa a tua fraqueza - veio a mulher avisar depois. - A tua porca fraqueza, seu patife, seu imoral, seu nojento!

Flávio José Cardozo

in *Tiroteio depois do filme*, Florianópolis: Lunardelli/Diário

Catarinense, 1989.

RAUL CALDAS FILHO

Nasceu em São Francisco do Sul, em 13 de setembro de 1940.

CONVERSA NO PÉ DO BAR

Raul estava sentado numa das banquetas do Botequim Honesto, um boteco onde vendiam a preço de banana beliscos para acompanhar uma loira geladíssima. “Não cervimos refeição completa”, avisava a tabuleta. Era um dos últimos botequins da cidade, e Raul sabia disso. Melancólico, fumava um charuto cubano, soltando no ar nuvens espessas de fumaça.

- Dá para colocar um jazz aí? - questionou.

- Hã? - não entendeu o do balcão.

- Esquece. Tô de mau humor.

- Que aconteceu, rapaz?

- Sei lá. Floripa tá mudando.

- É a lestada?

- Não, a cidade mesmo. Isso aqui tá virando uma metrópole. Crimes toda semana. Antes a cidade era mais provinciana.

- É, tás reclamando, mas daqui tu não sai, né?

- Só morto.

- Qué mais uma gelada?

- Manda.

Raul encheu o copo e tomou com prazer mais uns goles de cerveja. O charuto jazia apagado entre os dedos. Gostava de fumar. O cigarro o tinha acompanhado desde a adolescência, ganhando força total quando começou a trabalhar, depois dos 20 anos, nas redações enfumaçadas de jornais de Florianópolis e do Rio de Janeiro. Tinha se formado em Direito, mas o formalismo da profissão o havia deixado enojado.

- Sabe qual foi o grande desvio da minha vida?

- ?...

- Não ter nascido aqui.

- Não?!?

- Nasci em São Francisco do Sul. Como meu pai viajava muito, minha mãe resolveu ir para lá ficar com os parentes na hora do parto. Deu dez dias e estávamos de volta em Florianópolis.

- Moravas onde?

- Lá no centro, na subidinha da Felipe Schmidt. Agora subi mais um pouco e tô morando no Morro da Cruz.

- Arrombaste.

O escritor encheu novamente o copo. Estava com vontade de ir na Costa da Lagoa comer um camarãozinho, mas também estava com preguiça. Além do mais, logo tinha que ir para casa, trabalhar no novo livro de contos e pensar um

pouco num futuro romance. Há muito tinha deixado as crônicas de lado. Depois de dois livros havia cansado da temática ilha&manezinhos, e tinha começado a andar um pouco menos pelo interior de Floripa. Ainda assim, dos bares continuava gostando.

- Sabe que se me convidassem para voltar a escrever para jornal, talvez eu aceitasse...

- Pra quê?

- Eu ia escrever crônicas. Mas só se fosse semanal, senão cansa.

- Assim, até eu, ô.

- Tá achando que é fácil, é? Não é não. Precisa ser bom observador, e saber usar também a imaginação para poder colocar o molho. Tem que misturar o poeta, o repórter, o ficcionista e o observador. Não dá nem para dizer como escrever uma crônica. Só sei que ela precisa ter sutileza, ironia, e tem que ser leve. Às vezes acontece de a gente estar andando na rua e alguma coisa te chama a atenção e pronto, tá feita a crônica!

- O-lhó-olhó!

- Você, por exemplo, seria um bom personagem...

- ???

- És o típico manezinho. Fala ligeiro, engole as sílabas, é meio ingênuo mas muito rápido das idéias. És muito vivo.

- Ó, quem vê cara... não vê o resto. Falando em resto, conheces a Dona Biluca?

- Que que tem?

- Dizem que ela tinha ido pro banheiro, depois da "Voz do Brasil". De lá, berrou pro Tonho perguntando se ele ia usá ela. Como ele disse que naquela noite não, ela decidiu: "intão só vô lavá os pé".

Depois de muito rir, Raul chegou novamente à conclusão de que um botequim era um dos melhores lugares do mundo. Tomou o restinho da cerveja, que já estava começando a não ficar tão gelada, se despediu do amigo, pegou o charuto apagado e se mandou.

OS MENTIROÇOS DA LAGOA

Três pescadores da Lagoa da Conceição, Zeca, Ambrósio e Pedro, conversavam “acrocadinhos” na porta da venda numa tarde de lestada, em tempos ilhéus que já vão longe. Então contou Zeca:

- Ontem peguei uma tainha de 50 quilos.

- É mesmo? - exclamaram os outros dois, mostrando pelas expressões que não estavam acreditando muito na façanha do colega.

Aí o Ambrósio, aproveitando a deixa, loroteou:

- Pois eu pesquei no domingo 120 quilos de camarão, com 30 centímetros cada um.

- Mas mais incrível ainda aconteceu comigo - garantiu Pedro, para não ficar em desvantagem.

- E o que foi? - indagaram os companheiros, com ar de expectativa.

- É que eu vi uma *pomboca* acesa no fundo da Lagoa.

- Esta não dá para acreditar! - afirmaram em uníssono os outros dois pescadores.

- Então vamos fazer assim - sugeriu Pedro - o Zeca diminui o tamanho da tainha e o Ambrósio inventa uns camarões mais miudinhos, que eu apago a *pomboca*.

* * *

N.A. - Pomboca era uma espécie de lamparina usada pelos habitantes do interior da Ilha de Santa Catarina, quando ainda não existia energia elétrica. Seu combustível era o óleo de baleia e, posteriormente, o querosene.

Raul Caldas Filho

in *Oh! casos e delícias raras*, Florianópolis: Insular/Paralelo 27, 1998.

O AMIGO DE INFÂNCIA

Havia poucas pessoas no bar, quando nós entramos - um bar das imediações do mercado - e, num canto penumbroso, sentado sobre um caixote, percebia-se a frágil figura imobilizada em frente a um cálice de cachaça. Quando eu ia tomar o meu segundo copo de cerveja alguém me bate às costas:

- Não tás me conhecendo - pergunta a sujeito franzino, meio amarelado, um tênue bigode parecendo equilibrar-se acima dos lábios.

A única coisa que me ocorria, ao tentar decifrar aquela face em expectativa, era que se tratava da mesma pessoa, que, momentos antes, estava naquele canto.

- Não - então respondi - confesso que...

Mas ele não esperou que eu continuasse:

- Sou o Zezinho!

- Zezinho???

- É rapaz... Não tás te lembrando de mim?!

-?????.....

- Zezinho, daqueles tempos, lá da rua, dos nossos tempos de guri...

Voltei-me, então, para o meu companheiro, em busca de algum auxílio, mas, pela sua expressão também interrogativa, logo percebi que ele nada poderia fazer para me ajudar. E, por mais que olhasse o meu (velho-novo) amigo, seu rosto nada me dizia. Conheci vários Zezinhos em minha vida, mas nenhum parecido com aquele que agora ali se (re?) apresentava. Ele, porém, continuava insistindo:

- As peladas, as corridas de carro de morro, as brincadeiras de mocinho, lá no pasto, partidas de futebol...

- Futebol não era o meu forte - arrisquei uma lembrança.

- É. Em futebol não eras de nada. Mas as pandorgas, as cabanas, as lutas de espada...

Eu me lembrava de tudo. Menos dele! Mas como poderia ter se esfumado de minha mente alguém que realmente tivesse participado daquela época (eu que sempre julgara a minha memória infalível)? Tinha que me lembrar, encadear fatos, encaixar as peças. Sob o impulso destes propósitos lancei-me, mais uma vez, em busca da descortinação desse meu passado, não tão longínquo assim:

- Mas escuta aqui. Em que período foi isso?
- Ora... lá... naquela época...
- Na Feliciano Pires?
- É. Isso mesmo. A nossa rua.
- Mas onde é que moravas?
- Eu morava por ali mesmo... ali em cima... na subida...
- Perto da lavanderia?
- Acertou! Isso mesmo. Perto da lavanderia.

Aí as coisas começaram a ficar ainda mais confusas, pois a lavanderia - em cujas proximidades moravam alguns guris, que, às vezes, reuniam-se a nós para explorações a terrenos nas circunvizinhanças, ou nos enfrentavam em renhidas partidas de taco e ele poderia ser um deles, apesar de eu achar, até aquele encontro que me lembrava de todos - a lavanderia, eu dizia, ficava era lá em baixo, já quase na outra rua.

Mas ele voltou à carga:

- Tens visto o pessoal?
- O pessoal?...
- É. A velha turma. Ooooo... Comé mesmo o nome dele?...
- O Adriano?
- Isso, o Adriano!

A conversa, agora, definitivamente, estava caindo no terreno das dúvidas transcendentais, pois, entre os meus amigos daquele tempo, não existia nenhum Adriano. Mas quem sabe era ele que agora estivesse confuso, trocando pessoas e lugares. E fui em frente:

- Mas o que andas fazendo? - perguntei, já convencido que das
rememorações não sairia mais nada.

- Ah, ando por aí. Solto como uma andorinha.

E, satisfeito com a frase espirituosa, explodiu numa retumbante gargalhada,
que sacudia todo o seu corpo.

Àquelas alturas eu chegava à conclusão que não conseguiria mesmo
reenquadrá-lo no meu tempo, sentindo-me também um tanto frustado. Como tudo já
se afundava num certo vácuo resolvi encerrar a conversa. Mas ele antecipava-se a essa
resolução, despedindo-se bruscamente, como quem se locomovesse para outras
esferas.

- Bem, até logo - foi só o que disse. E retornou a seu canto.

- Muito estranho - então observei ao meu companheiro (o outro), quando nos
dirigíamos para uma mesa - não consigo me lembrar deste cara de jeito nenhum.

Foi quando o gordo atendedor, aproximando-se para trazer mais uma bebida,
perguntou:

- Os senhores me perdoem, não quero me intrometer, mas, por acaso, o
Zezinho chegou para os senhores com alguma conversa de amizade de infância?

- Como é que o senhor sabe - indagamos, surpresos, quase em uníssono.

- É que ele é assim com todo mundo. Isto é, não levem a mal...

- Com todo mundo?!

- Quer dizer, só com as pessoas que ele vê pela primeira vez. Depois se
esquece...

Olhei, então, quase instintivamente, para o meu hipotético amigo e percebi que
seus olhos estavam novamente parados, fixados, vidrados no cálice de cachaça, como
se ele estivesse tentando decifrar um turvo e enigmático passado.

Raul Caldas Filho

in *Delirante Desterro*, Florianópolis: UFSC, 1980.

O CASAL NU

- Onde está a nossa roupa? - perguntou Cíntia, enquanto os seus olhos procuravam distinguir o ponto na areia onde eles tinham deixado as suas coisas.

- Tá ali perto daquele pedaço de pau, junto com as chaves da moto - respondeu Mário, um promissor bancário de 20 e poucos anos.

- As chaves estão aqui, mas as roupas não - informou Cíntia, loura e linda universitária, no fulgor dos seus 19 anos, cuja beleza e atributos "in natura" ainda mais se acentuavam.

- O quê? Não é possível! Têm que estar aí - insistiu Mário.

- Então vem procurar.

Mário aproximou-se e constatou a crua e cruel realidade: os pertences do jovem casal de namorados tinham desaparecido. Ou, como era óbvio: alguém tinha levado.

* * *

Era uma estrelada, negra e calorenta noite de verão. A praia permanecia deserta e só o que se ouvia era o arrebentar das ondas. Os dois, tão nus quanto a natureza, tinham acabado de sair da água, após um banho de mar noturno e restaurador.

- E agora? - indagou Cíntia, ao mesmo tempo em que, visivelmente desconcertada, parecia dar-se conta de sua nudez e procurava ocultá-la da melhor forma possível. A pele bronzeada formava um estranho contraste com as brancas (e exíguas) partes normalmente cobertas pelo biquíni.

A resposta de Mário foi uma saraivada de palavrões dirigida ai autor (ou autores) do inusitado roubo.

- E o filho da puta, além de levar também todo o nosso dinheiro, não deixou nem as toalhas! - concluiu ele, não escondendo a sua ira.

* * *

Mas, como uma espécie de prêmio de consolação, a motocicleta, uma possante “Yamaha DT-180”, ainda estava no mesmo lugar.

- Ainda bem que não levaram a moto - constatou Cíntia.

- E os capacetes! - arrematou Mário.

- Mas como a gente vai sair daqui assim?

- É o que também estou pensando.

Os dois jovens permaneceram por mais alguns minutos desnorteados sem saber o que fazer. Ainda mais porque tanto ela, quanto ele, moravam em apartamentos localizados no centro da cidade. E como chegar lá, daquele jeito?

Até que Cíntia se lembrou de uma amiga que tinha alugado uma casa no Canto da Lagoa da Conceição, local meio isolado, habitado, em grande parte, por pescadores, ou veranistas.

- Então vamos nos mandar logo - disse Mário - antes que o sacana, ou os sacanas, voltem a atacar novamente.

Os namorados colocaram os capacetes (já era alguma coisa), acomodaram-se no veículo e partiram na noite, belos e naturais como mitológicos seres alados, logo atingindo a estrada asfaltada das imediações da Lagoa. E ao receberem as carícias do vento noturno - os seis de Cíntia colados às costas do namorado - sentiram-se dominados por uma gratificante sensação, que, de certa forma, justificava aquela incomum aventura.

- Até que é uma boa este jeito de ir, sem roupa nenhuma - comentou Cíntia.

- É. Mas o duro vai ser passar pela avenida da Lagoa - observou Mário.

* * *

E, de fato, ao chegarem lá, começaram a enfrentar as primeiras reações hostis: dois carros quase se chocaram, ao presenciar a rápida passagem do casal nu; todos os frequentadores do bar saíram à rua, depois que os motorizados Adão e Eva surgiram de repente; pescadores e transeuntes, paravam com olhares estupefatos: “É um desrespeito...” “Tá tudo perdido mesmo...” “Nudismo até de noite...” “Chamem a polícia!”

* * *

Mas, apesar de tudo, eles conseguiram chegar à casa onde morava a amiga de Cíntia. O problema agora era como chamá-la.

Mário estacionou a moto embaixo de uma árvore e ficaram conjecturando: “Quem vai lá?”

- Acho melhor você ir - disse Cíntia.

- Mas ela nem me conhece direito - argumentou Mário. - E muito menos nu.

Então Cíntia resolveu ir, depois que se certificou que não havia ninguém por perto. Pé ante pé entrou no quintal e começou a bater na janela da frente.

- Magda, sou eu Cíntia, preciso falar contigo. Estamos em apuros.

E continuava a bater insistentemente. Mas ninguém atendia. Até que a janela da casa ao lado - uma humilde moradia de pescador - abriu-se de repente e emergiu o rosto de uma encarquilhada velhinha a qual, ao se deparar com aquela visão não se conteve:

- Cruz, credo! Uma mulher nua! É bruxa, é o demônio!

E começou a gritar feito uma louca. Logo outras janelas se abriram e luzes acendiam-se.

- Vamos cair fora daqui! - gritou Mário.

Foi só o tempo de zarparem, num ronco só, lançando poeira e fumaça para todos os lados e um bando saía à rua: “Pega!” “Pouca vergonha!” “Linchem!”

* * *

A situação, agora, decididamente, complicava-se. E, ao dobrar uma curva, a moto foi interceptada por uma rádio-patrolha.

- Que negócio é este, andando nus por aí - disse o Comandante da guarnição, enquanto Cíntia procurava se enroscar ao máximo no corpo de Mário.

- É que roubaram as nossas roupas - tentou explicar ele.

- Se roubaram é porque vocês já andavam nus. Isso dá cana.

- Mas Mário recapitulou toda a história e convenceu o policial de que falava a verdade.

Este, então, virando para um subalterno, ordenou:

- Traga duas toalhas, ou coisa parecida, para tapar os dois.
- Só tem uma, sargento.
- Então tapem ele. A moça pode ficar assim mesmo - ordenou o sargento.

Raul Caldas Filho

in *Oh! Que delícia de Ilha*, Florianópolis:

Paralelo 27 / Lunardelli / Propague, 1995.

ALDÍRIO SIMÕES (de Jesus)

Nasceu em Florianópolis, em 5 de janeiro de 1945.

ILHÉU DE CARTEIRINHA

“Quando eu era guri e fazia malcriação, a minha avó sempre dizia que ia chamar o caminhão do babau. Eu tinha terror desse caminhão, que na verdade nada mais era do que o caminhão dos bombeiros. Um certo dia, eu e minha avó saímos às 5 horas da madrugada de nossa casa em Canasvieiras para ir para o centro. Naquele tempo, a gente ia a pé, e ela pegava um pau em brasa para iluminar o caminho. Quando estávamos lá no Morro das Pedras, perto de onde fica o Meimbipe, escutamos o barulho de um carro subindo o morro. Era uma raridade passar carro por lá. Quando o carro apareceu, adivinha quem era?!? O caminhão do babau! Só sei que eu finquei a cara no mato e dei uma disparada. Para me achar foi um trabalho.”

Essa é uma das lembranças de infância de Aldirio Simões, escritor e amante da Ilha, e que ao contrário dos tempos do caminhão do babau, pode ser facilmente encontrado em Florianópolis. Adora caminhar pelo centro da cidade, chegando a se considerar um andarilho por natureza. Todo dia bate ponto no Mercado Público, a grande passarela da cidade. “Eu sou um observador das pessoas. Não me contendo, estou sempre conversando com todo mundo”, confessa. Mas o lugar preferido para essas conversas acaba sendo sempre o bar. É lá que o boêmio Aldirio se sente em casa. “Frequento quase diariamente, mas sempre variando de bar. É um manancial de histórias riquíssimo, onde são repassadas informações valiosíssimas. É o meu mundo, onde encontro de malandros a contadores de histórias. Esqueço de tudo num bar”, revela o cronista.

Há alguns anos Aldirio vem publicando em suas crônicas o retrato do povo ilhéu. “Dava para fazer um mapa”, assegura. Mas ele reconhece que a vida de cronista diário não é fácil. “Às vezes sento na frente do computador, olho para ele, ele olha para mim, e não sei nada, mas é preciso fazer porque o espaço em branco está lá no jornal, esperando”, lembra. Ainda assim, o escritor acha que cada vez está ficando mais fácil escrever, por causa da prática e também da reação dos leitores. “Tem muita gente que me procura para contar histórias”, lembra.

Um dos orgulhos de Aldirio é ser lido em todas as camadas sociais, abrangendo desde o governador até os peixeiros do Mercado Público, que segundo ele separam a coluna do resto do jornal usado para embrulhar peixe. “Eles sempre comentam comigo as crônicas. Esse retorno empolga, e nem sei como seria parar de escrever agora. Devo ter mais de mil crônicas arquivadas. A minha preocupação é esta, resgatar as coisas relacionadas à Ilha. Tem pessoas antigas que daqui a pouco vão morrer, levando consigo suas histórias. Então eu sinto uma grande necessidade de conversar com essas pessoas, escutar o que elas têm para contar”.

Nascido em Canasvieiras, balneário do norte da Ilha, Aldirio teve uma

infância sem regalias mas feliz. Filho de mãe dona-de-casa e pai pescador, o mar sempre foi seu grande companheiro, e o escritor acredita que não consegue mais viver sem maresia. Ainda pequeno, brincava na outrora larga faixa de areia do local, ou então no Rio do Brás, onde pescava piava. Dono de uma memória prodigiosa, a primeira lembrança de Aldirio remonta aos seus cinco anos, quando a mãe e a avó participavam da farinhada. “Dava muita mão de obra, o pessoal ficava trabalhando de madrugada, todos tinham que ajudar. Depois do serviço feito, o pessoal ia para o pátio brincar de roda. Era fantástico”, relembra. A avó foi uma figura marcante na vida de Aldirio, e com certeza influenciou na atração que o escritor sente por histórias de bruxarias. “Ela era misteriosa, era meio bruxa”, afirma. Aldirio conta que era ninado por ela debaixo do olhar das corujas, e que a avó tinha hábitos estranhos. “Depois que ficou viúva ela não conseguia dormir. Daí ela usava uma vara de marmelo para bater na cama, e dizia para nós que era o marido que não sossegava”, recorda.

Autodidata, Aldirio nunca frequentou uma universidade, o seu curso superior foi a vida. Excelente conhecedor da cidade, ele sabe de cor e salteado os atrativos de cada lugarejo. “Se estou na Trindade falo da Festa da Laranja, se estou no Ribeirão falo da Banda do Zé Pereira, em Pântano do Sul está o Arante, em Cacupé, o Zé do Cacupé, o maior mentiroso da cidade. Existem muitos personagens históricos que concentram a história do lugar onde vivem”, revela Aldirio.

Foi justamente pensando nisso que Aldirio criou, há 12 anos, o Troféu Manezinho da Ilha. O objetivo da premiação era, além de resgatar o sentimento ilhéu, homenagear pessoas que tenham um passado e um presente na cidade, que tenham um “orgulho desgraçado” de ser manezinho. “Manezinho é um estado de espírito”, acredita. Aldirio não deixa de relatar, mais uma vez, seu amor à Florianópolis, e lembra que o que existe de bom aqui é o bem-querer espontâneo das pessoas. “Não sou contra o progresso, mas se de repente a Ilha se soltasse do resto do continente e se perdesse no mar, até que não seria mal não.”

SOU ILHÉU, GRAÇAS A DEUS

Ilhéu.

Afinal, quem é esta criatura onde qualquer definição a seu respeito pode ser indefinida? Afinal, que Ilha é esta que quase dois séculos depois dos navegadores ingleses terem visitado Nossa Senhora do Desterro – de águas cristalinas, colinas verdes e frondosos garapuvus floridos – e relatado à sua majestade britânica que a vila tem aparência belíssima, os homens são polidos e corteses e as damas belas e vivazes; e que hoje os homens continuam corteses e as mulheres belas e vivazes?

Faroleiro, mexeriqueiro, folgado, cínico, sentimental, criativo, hospitaleiro, ilhéu, ilhado, feliz. O bom ilhéu é aquele que aceita sem constrangimento o fato irremediável de que os bons empregos não foram feitos para ele. E que é difícil disputar com um cidadão do interior o melhor e mais cobiçado cargo político-burocrático. Uma boca modesta em qualquer repartição pública com apenas um período de trabalho, de preferência à tarde, liberado de ponto e com direito a fugidas periódicas para fazer uma fezinha no bicho ou tomar uma cerveja, é o suficiente.

Atravessa a ponte apenas para comprar pneus, por isso o ilhéu é um ilhado, mas feliz. É do tipo que deixa um problema urgente para ser resolvido no dia seguinte, que espera primeiro o pepino estourar, para depois encarar a situação com a mais irônica das desculpas, de preferência depois das 4 da tarde, após o expediente bancário. Não aceita chá de cadeira, bronqueia e sai resmungando. É, antes de mais nada, um artista que não aceita papel de coadjuvante. Tem uma irresistível tendência para a vida mansa, impossível deixar dirigir-se pelo relógio; alergia ao formalismo e ao dramalhão. Mas, às vezes, para safar-se, é de um cinismo incomum, à beira do descaramento. Tira de letra. É claro que não é todo o ilhéu que possui estes defeitos e virtudes ao mesmo tempo, mas o fato é que eles se combinam naturalmente.

Irônico e extrovertido por natureza, o ilhéu é um gozador em potencial. Essa singular criatura sorridente e descontraída gosta de ver o tempo passar batendo papo numa roda de amigos para uma cervejinha no fim de tarde, no Box 32 do Mercado Público, a mais autêntica passarela da cidade. Na repartição ele cumpre boa parte do expediente colocando-se em ponto estratégico, para observar os movimentos daquela

funcionária nova metida numa provocante mini-saia, a aposta com o amigo se a calcinha dela é branca ou vermelha. É extrovertido, mas diante de desconhecidos mostra-se tímido, introvertido. Anda sempre buscando algo que o divirta, pois tem medo da rotina e não sabe viver sozinho, solitário. Por isso, seu final de semana começa na quinta-feira.

Um bom ilhéu não sobe o morro do Antão apenas para observar a bela paisagem que se descortina para a cidade. Tratável e hospitaleiro, capaz de se tornar um imediato cicerone, principalmente se a turista for atraente. Lá em cima, observando a natureza fantástica, o surgimento da cidade entre os morros e baías, o turista suspira emocionado. Do outro lado o ilhéu, com ironia complementa: “Como é que pode, né?”

Excessivamente sensual, fica melindrado com as pequenas coisas e atemorizado diante do ridículo. Mesmo argolado, não se aperta diante das piores situações, achando que morrer é um descuido e viver é um jeitinho. Agora, se alguém quiser ver um ilhéu bafejando de raiva, fale mal da Ilha perto dele. É o início de uma discussão onde as conseqüências jamais serão medidas. De certa forma alienado, um sádico irremediável, torce pelo futebol carioca e se diverte com Avaí e Figueirense. Um fofoqueiro sempre atualizado com as últimas notícias, dispensando as manchetes que falam do recente aumento da cerveja. Um poeta em potencial: lá vem a lua nascendo, redonda que nem tamanco, dormi com o pé de fora e amanheci constipado.

A figura do homem urbano da Ilha de Santa Catarina é, como tema de análise, um tanto controvertida. Alienado a tudo que se passa no planeta, ele vive apenas o seu mundo, mas dentro do contexto é fiel. Integrado à natureza, não é de comprar briga quando uma árvore centenária ou precioso patrimônio é destruído, prefere chorar as mágoas num ombro amigo no botequim mais próximo. Um adepto do não faz nada, que goza da própria situação e por isso não é bem quisto pelos engomadinhos do interior do estado. De boa índole, tem incrível facilidade para esquecer as coisas. Sabe perdoar e aquele que não vale nada hoje pode valer tudo amanhã.

Como diz o poeta Zininho, que um dia escreveu que a cidade é “um pedacinho de terra perdido no mar”, o ilhéu não anda, ele flutua. Não fala, canta. Aqui, o querer é sincero, o ilhéu preocupa-se com o problema sem pedir nada em troca. O verdadeiro ilhéu tem orgulho desgraçado desta Ilha. Floripa está mudando menos, graças a Deus, à conduta e ao humor do povo. Emigrantes de todas as tribos aqui são bem-vindos, elevando, é bem verdade, a pequena cidade para o caminho de uma metrópole. Mas o

manezinho no fundo, no fundo, não é feliz com esse progresso desenfreado, embora não tenha coragem (e o bom senso) de divulgar. Considerando as características já enumeradas, apesar de tudo, o ilhéu pode responder-se que é feliz, e sabe disso.

O ilhéu, a cidade antiga e a cidade nova se compreendem mutuamente. Esta eterna relação de amizade é o que faz com que sua gente se sinta, como também as demais gentes que aqui aportam em busca de ventos alvissareiros – de passagem e para ficar. E quanta gente que quer ficar e não pode?

Sabem, esta noite quero sonhar. Sonhar que a terra tremeu. Sonhar que a Ilha afastou-se do continente flutuante pelos mares do Sul, de mãos dadas com a ponte Hercílio Luz majestosa, barreira como uma velha senhora restaurada em carinho e admiração. Quero subir ao monte mais alto e berrar aos quatro ventos. Adeus, adeus Brasil:

O ilhéu é tudo isto e mais aquilo.

Graças a Deus sou ilhéu!

Aldirio Simões

In *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*, Florianópolis: Papa-livro, 1990

BRUXAS DO PÂNTANO

Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Solidão e Saquinho são praias com fama de grandes pesqueiros. As águas frias que misturam-se às correntes da longínqua Patagônia, além de promoverem a sempre festejada visita e pingüins, ilustres turistas no verão, acolhem generosos cardumes que resultam no pão de cada dia daquela antiga colônia de pescadores. Para percorrer toda aquela região, durante a safra da tainha ou farinha, é necessário uma boa dose de coragem. As visagens, estórias de bruxas e lobisomens se sucedem a cada noite e já botou muita gente para correr. Ir ao Sertão, à noite, é tarefa para poucos valentões que fizeram história no lugar.

Seu Bebeco faz parte desse plantel de corajosos, mas sempre ouviu com atenção as histórias e estórias contadas pelos mais antigos, escondendo uma ponta de receio. Pescar na Lagoinha do Leste somente em grupos de amigos. Contam que naquele santuário ecológico pescadores observaram um grande navio iluminado navegando em plena areia, enormes redemoinhos de areia deixando incautos aventureiros quase cegos e um trio de cavaleiros com espadachins reluzentes percorrendo as colinas e ruínas de tarrafas jogadas sobre a lagoa, tudo parecendo e sumindo como por encanto.

Há muito seu Bebeco andava intrigado com ocorrências verificadas em seu bote Vento Sul, que ficava puxado sobre a areia da praia. Sempre de sexta-feira para sábado, a embarcação amanhecia fora das estivas e os remos e cardas desarrumados, como se alguém os tivesse usado na noite anterior. Foi para casa mais cedo resolvido a desvendar o mistério.

A noite turva, sem outra viva alma na praia, tornava o Pântano do Sul misterioso. Pensou nas visagens na Lagoinha do Leste, e quis até voltar para casa. Mas como explicar para a mulher, que o conhecia como um homem de coragem? Entrou no bote e alojou-se sob o paneiro, puxando um palheiro feito com carinho enquanto aguardava os acontecimentos, que não tardaram a ocorrer. Ouviu passos assoviando na areia e algazarra de mulheres e permaneceu escondido, protegido por um monte de redes.

As três bruxas do Pântano colocaram apressadas a pequena embarcação n'água e uma delas comentou que precisavam ser rápidas. Necessitavam viajar até à África e retornar antes do galo preto cantar pela primeira vez.

O bote Vento Sul seguiu mar aberto e a cada remada, risadas que deixavam seu Bebeco arrepiado, parecia voar. O velho pescador estava entrando em pânico e decidido a gritar para acabar com toda aquela bruxaria de vez. Mas mudou de idéia quando uma delas comentou:

- Tô sentindo cheiro de sangue *reali!*

O frágil botinho voava sobre enormes ondas até que aportou em uma praia deserta da África. Bebeco parecia não acreditar no que estava vendo. Não demorou muito para as bruxas retornarem em clima de muita festa, trazendo ramos de oliveira. O Vento Sul foi puxado para o mar, retornando na mesma velocidade, com elas remando e dialogando em gargalhadas esquisitas.

- Chupei o sangue de uma criancinha.
- Como era bom, disse uma.
- Eu chupei o sangue grosso de um velho.
- Coisa ruim...

- Eu chupei na mamica de um moço forte e bonito, comentou a terceira bruxa, exclamando: também tou sentindo cheiro de sangue *reali*.

O Vento Sul chegou no Pântano. Elas retiraram o bote do mar e desapareceram em meio à escuridão da noite, pra logo o galo preto cantar anunciando a alvorada. Foi então que o pescador pôde deixar o barco e respirar aliviado, com os pêlos de todo o corpo ainda arrepiados. Tinha descoberto porque seus apetrechos de pesca amanheciam todos os sábados revirados. No dia seguinte, postou-se no portão da casa, aguardando que suas vizinhas aparecessem o que não tardou a ocorrer.

- Cumadres, onde vocês tiveram ontem à noite?
- Lugar nenhum, nem saímos de casa, cumpadre Bebeco. Responderam.
- Suas mandrionas, mentirosas. Tiveram na África e eu acompanhei vocês, *dégracidas*. Elas fulas de raiva quiseram desmentir.

Foi então que seu Bêbeco mostrou um ramo de oliveira esquecido no bote. Assustadas, elas seguiram caminho aos gritos, aterrorizadas, e o encanto das bruxas do Pântano do Sul foi desfeito para sempre.

Aldirio Simões

In *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*, Florianópolis: Papa-livro, 1990.

FELIZ ANO VELHO

“Adeus, adeus, adeus, cinco letras que choram...”

Belegarde estranhou-se defronte do espelho enquanto cortava a barba, pegou-se cantando, de repente, fato que não acontecia há muitos anos. Buscou a razão e não encontrou. Estou adivinhando passarinho verde, pensou. Botou o pé na rua e logo foi saudado pela cozinheira da pensão.

- Seu Belegarde, hoje é o último dia do ano. Por que o senhor não compra umas roupas novas para entrar o Ano Novo com o pé direito?

Não pensou duas vezes. Trocou a velha capa por uma camisa de viscose, calça beg e sapatos mocassim, que serviram para remoçá-lo e ao aportar no balcão do Box 32 logo chamou atenção da garçonete Lurdinha.

- Tás bacana Belegarde, com essa roupa nova. Pode ser ou tá difícil?

Foi demais para ele. Sentiu doçura nas palavras da moça, por quem ele há muito curte uma tesão doentia. Pediu para suspender o conhaque rebenta-peito, por uma dose de Old Eight, sem perguntar o preço. Tomou todas, ganhou coragem para arriscar um convite a Lurdinha para jantar à luz de velas à meia-noite, seguido de uma resposta negativa que o deixou afundado no banco do bar.

Caminhou à noite pela Praça XV deserta, sem encontrar ninguém, nem motorista de táxi. Sentiu-se sozinho, à beira do desespero, quando o sino da catedral anunciou o Ano Novo. O espoucar de fogos tomou conta da cidade alegre, contrastando com a tristeza do velho.

Belegarde fez que não viu o ano chegar. Adormeceu o sono da solidão, do abandono, e acordou para a vida de forma melancólica, como um palhaço de olhar triste pregado no mundo, com o rosto pintado de glacê, obra maldosa de padeiros impiedosos.

- Porta de padaria não é quarto de pensão, ô coroa!

Despertou sonolento com a advertência grosseira do padeiro, perplexo ao ver cachorro vagabundo acariciar seu rosto, sugando o glacê que adornava sua boca. Levantou o olhar e assistiu algumas pessoas sorrindo, fazendo galhofas, enquanto uma

senhora beata que caminhava para a missa das seis, levantou as mãos à cabeça demonstrando espanto:

- Meu Deus, como um homem pode chegar a este ponto. Vai para casa, meu senhor!

Naquele momento Belegarde sentiu-se o mais desprezível dos homens. Levantou-se apoiado na parede, com o cachorro ao seu lado balançando a cauda, fazendo festa. Bateu com os pés no chão para afugentar o cão, mas este permaneceu imóvel. Tirou o lenço do bolso, passou no rosto e procurou não tomar conhecimento da plateia. Limpou o pigarro e seguiu pela Conselheiro Mafra cantando:

- Tire o sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor...

A camisa de viscose, a calça beg e os sapatos mocassins novos não tinham mais sentido para ele. O Ano Novo chegou sem as mudanças que ele havia previsto, retornara ao seu estado de graça, ao seu lugar comum, indiferente a tudo que se passa no mundo, vivendo apenas seu mundo interior. Contornou o Mercado Público, fechado, como se estivesse abandonado. Nem um bar aberto para tomar a cachaça com mestrungo de todos os dias. O uísque de boa procedência, ingerido na noite anterior, resultou numa grande dor de cabeça. Quase nem acreditou quando sentiu o cachorro roçando em sua perna. Dos percalços noturnos, sobrou um amigo sincero. com as mãos enfiadas no bolso, Belegarde parou para fitar o animal, sentado em sua frente com as duas patas levantadas, como se estivesse acenando ao novo companheiro. O velho boêmio, quase sempre insensível, até pensou em chutá-lo. Mas o sentimento bateu mais forte. estalou os dedos para o cão festivo e acariciou a cabeça dele. Estava consolidada uma nova amizade.

No quarto de pensão Belegarde retirou a roupa de festa e guardou peça por peça no fundo do baú, pensando a curto prazo, dar um fim nelas. Não queria ficar com nenhuma lembrança. Suspirou aliviado quando avistou no mesmo baú a velha capa de gabardine ensebada, estendendo-a carinhosamente sobre a cama. O cheiro forte chamou atenção do cachorro que dormia num canto do acanhado compartimento. Lambeu o focinho, atitude que logo foi reprovada por seu novo dono.

A velha capa de gabardine, companheira de todas as estações, suspirou Belegarde, alisando carinhosamente o capote. Vestiu a peça, enterrou o chapéu na cabeça, alinhou a gola da camisa defronte do espelho desfigurado pela umidade entranhada na parede e ganhou a rua, sempre acompanhado do cachorro faceiro.

As lembranças da passagem do ano ainda estavam frescas em sua cabeça, mas procurava esquecê-las assoviando e estalando os dedos para o cão saltitante, latindo de felicidade e caminhando apenas sobre as patas traseira, provocando risadas no coroa. Belegarde estava satisfeito, tinha reencontrado seu mundo, sua realidade, enterrando suas fantasias para sempre. Plantado no meio da rua, com o chapéu preso em uma das mãos, ergueu os braços para o céu e cantou a todos os pulmões:

- Eu era feliz e não sabia...

Acompanhado em solo pelo cachorro vagabundo:

- Au-Au-Au...

Aldirio Simões

In *Domingueiras: sou ilhéu, graças a Deus*, Florianópolis: Papa-livro, 1990.

SÉRGIO DA COSTA RAMOS

Nasceu em Florianópolis, em 18 de agosto de 1947.

LIVRO DE RECEITAS

do chef Sérgio

Como fazer um...

Cronista Mundano

Ingredientes

Todos os jornais locais.

Computador ligado à Internet, de preferência portátil, para ler jornais nacionais e internacionais, fazer entrevistas e receber e-mails.

Senso de humor.

Saber escrever.

Viagens.

Autocrítica.

Povo maravilhoso.

Disciplina.

Modo de fazer.

Todo dia pela manhã, logo após acordar e tomar um gostoso café, leia todos os jornais disponíveis e navegue um pouco na Internet.

Escolha um assunto. A crônica (veja glossário) precisa remeter o leitor à realidade, senão fica insossa. Não se esqueça de que se ela não for efêmera e datada, acaba passando do ponto.

Observação: caso você não tenha assunto em casa, não esquite. Até a falta de assunto pode virar assunto. Além do mais, isso é difícil de acontecer, pois no Brasil assunto é matéria prima. Basta olhar os políticos, fonte de humor permanente.

Depois de escolhido o assunto começa o momento mais importante: fazer a idéia tomar forma. Nesse momento, o humor (veja glossário) passa a ser o ingrediente principal. Acrescente-o com cuidado, para que não fique vulgar.

Some à mistura palavras interessantes, hipérboles, figuras de retórica.

Dão um sabor único à crônica.

Saiba que se você tiver um povo maravilhoso de qualidade em casa seu trabalho ficará muito mais simples. Afinal, o humor fica mais saboroso se o povo souber se divertir mesmo com crises e mais crises.

Constantemente mexa o produto com uma colher de autocrítica. Muitas vezes pequenas bolhas de imperfeição atacam o cronista, criando crônicas meio difíceis de engolir. Aprenda: nem os grandes *chefs* acertam sempre.

Para deixar o produto final ainda mais saboroso, acrescente doses anuais de viagens. O conhecimento de novas culturas e línguas deixa tudo ainda mais macio e azeitado.

Essencial para não permitir que a mistura abatume é ter disciplina. Escrever diariamente exige que tudo seja feito nessa ordem, sem pular nenhum ingrediente, senão não cresce.

Tempo de preparo

Nove anos de crônicas publicadas diariamente em jornal.

Nível de dificuldade

Zero. Basta saber escrever bem que tudo se resolve, com tendência a melhorar com o tempo.

Dicas

Para não atrair mau-olhado, pense sempre na crônica como algo simplíssimo: é só contar uma história.

Explore as viagens, que são ingredientes de primeiro mundo. Conte, por exemplo, que estava num país X quando pediu *cat chup* e conseguiu *cat soup* (sopa de gato).

Variações

Se você é caseiro e mora num lugar que ama, pode fazer um cronista com tempero ilhéu. Ele é do tipo abusado. Se excita com as curvas da Ilha, é irônico com políticos corruptos, faz os pobres manezinhos explicarem a moratória. Apesar de tudo, ama o lar de paixão, de onde não sai nem por nada.

Outra variação é o cronista da cidade grande. Não se esqueça que, ao tentar buscar novos degustadores, você pode se queimar. Em São Paulo, por exemplo, é comum todo mundo ter a idéia de ir almoçar no mesmo restaurante à mesma hora, formando filas imensas, ou se engalfinhar por uma vaga no elevador. E isso tudo sem ter o mar a poucos quilômetros de distância.

Dificuldades

Se você já experimentou antes um Cronista Mundano, deve ter notado que ele tem problemas na hora de tirar férias. Simplesmente não consegue se desligar, e mesmo numa ilha deserta leva um Lep-top para continuar atualizado. Os grandes *chefs* divergem neste ponto: não sabem se isso é bom ou ruim.

Glossário

Crônica - pequena história com começo, meio e fim. Se não for literária (pequeno conto), vai falar de assuntos do cotidiano. Tem que estar pendurada no cabide da realidade, e ser bem-humorada.

Conto - gênero literário mais pretensioso, que encerra uma história e uma grande revelação no final.

Humor - essencial para uma boa crônica. Surge quando ocorre a quebra da lógica, gerando expectativa e produzindo o riso.

Resultado final

Chegou a hora de saborear. Se você seguiu a receita direitinho, conseguiu colocar na forma um Cronista Mundano, com facilidade para escrever com graça sobre tudo, e pronto para o que der e vier.

Frequência

De tempos em tempos, faça um novo Cronista Mundano. Além de gostoso, ele tem uma função social: atrai novos leitores, acostumados a ler só porcarias. Outro ponto positivo do produto é alimentar cada um com uma pequena dose diária de bom humor, essencial para não se deixar enfraquecer nesses dias de fome de cultura e de comida. Afinal, rir é um dos melhores alimentos da alma.

A ILHA É MULHER

Sempre se soube que a Ilha é mulher, gênero bem feminino, espécie cheia de curvas, com seios e principalmente com ancas. Surpresa: dois umbigos, a Lagoa da Conceição e a Lagoa do Peri.

A Ilha é mulher bonita de dorso verde e dourado, costões sensuais, reentrâncias promissoras, praias abertas e coxas hospitaleiras, tem sexo híbrido – varonil como um promontório, abrigado como enseada de filme de pirata.

Vista do satélite, não passa de um pontinho reticulado a nordeste daquele rabinho da América, parecendo filhinha desgarrada da terra-mãe. De perto é como uma filha provocante. Electra e elétrica, luxúria pura, constante ameaça de incesto ao sol.

O mar da Joaquina é agressivo, a praia é dócil e feminina como a mulher que lhe emprestou o nome. Mítica mulher solitária, mistura de medusa e Iemanjá, que costumava passear pela praia nos fins de tarde, verão ou inverno, bela como uma princesa, triste como uma Julieta Capuletto, infeliz no amor. Mas, de qualquer maneira, fiel como as mulheres de Atenas.

O mar que banha Desterro é o mesmo que emocionou Melville e Hemingway e que os inspirou em *Moby Dick* e *O Velho e o Mar*. Mas o que enlaça a Ilha é ainda mais belo, faria ajoelhar-se diante de si poetas como Shelley, Miguel Torga ou Neruda, compositores como Beethoven, Mozart, Wagner – este, para os dias de ondas fortes, surfistas cavalgando pranchas. Além de Dorival Caymmi, para o caso de ser doce morrer no mar.

Os açorianos construíram suas casas de costas para o mar, como se não desejassem mais vê-lo depois de desembarcados. O mar era seu escritório, devia lembrar trabalho duro. Assim, do trapiche da Praia do Müller era possível admirar-se a sucessão de galinheiros à beira-mar – espanta que não nascessem aves com escamas.

O mar. Aquela vítrea gelatina azul-esverdeada, crescendo como corcova de camelo aquático, escorregando com estrondo no tobogã da arrebentação, para desfazer-se na areia em mil esculturas de cristal líquido. Mar igual – ou parecido – é muito difícil de se encontrar neste planeta. Talvez, disse-me um velho navegador, nas Bahamas, no Hawai, no Tahiti ou no Sri Lanka, o antigo e lendário Ceilão.

A beleza da Ilha é mansa como uma marinha de Pancetti, mas um arrastão dos elementos pode torná-la de uma hora para outra selvagem ou expressiva como um filme de David Lean.

O vento sul é um ilhéu típico, que fala com chiado e que, ao contrário dos magos de ocasião, consegue facilmente entortar árvores e encrespar oceanos. Foi conversando com esse ilhéu que Cruz e Sousa empinou o seu verso simbolista e achou raras onomatopéias para descrevê-lo:

*Tu que me penetras velhas portas,
Atravessando por frinchas...
E sopras, zargunchas, guinchas
Nas ermas aldeias mortas.*

Nada o detém quando ele bufá e escoiceia, no que há de ser a farra eólica do tempo. Ele se transforma então no vagabundo que rosno sonolento, leva longe o seu lamento, mas sua ferocidade é efêmera. E inócua. Se tanto, desmancha os cabelos da figueira, ou adianta o relógio da Catedral, que nesses dias perde a sua orgulhosa função de Big-Ben.

Já tem 270 anos, mas parece que tudo começou *dijaóji*.

(23 de março de 1995)

Sérgio da Costa Ramos
in *Sorrisos Meio Sacanas*, Porto Alegre:
Mercado Aberto/Edufscar, 1996.

O CÉREBRO DE EINSTEIN

Proseavam à sombra da figueira os dois aposentados de sempre, quando o velhinho novidadeiro balançou o jornal com a mão:

- Viu só que absurdo?
- Qual deles? Tem tantos...
- Roubaram o cérebro de Albert Einstein, o pai da Teoria da Relatividade!
- E quem foi? PC Farias, João Alves?
- Um americano doido, funcionário da morgue da Universidade de Princeton.

Estavam fazendo a necrópsia do gênio e o sujeito ó, vupt! – passou a mão na privilegiada massa encefálica.

- E onde está? Debaixo da cama?

- Num par de jarras sobre a cristaleira de Lawrence Thomas Harvey, um octagenário aposentado que vive em Kansas City. Naquele dia de 1955 ele era enfermeiro e participou da necrópsia com mais 20 médicos.

- E ainda assim surrupiou a massa cinzenta do sábio?

- Para você ver como são descuidadas essas necrópsias. Se a de Einstein foi essa bagunça, imagine a nossa...

- Perai. Se morrermos de morte natural, não seremos necropsiados. E não somos gênios para sermos estudados...

- É, mas a façanha do lunático do Kansas não deixa de ser um precedente perigoso. Logo, logo vamos ler nos jornais que começou no Brasil o contrabando de cérebros.

- Sei não. Rins, córneas, medulas, talvez, mas cérebros? O Primeiro Mundo lá está interessado em nossos cérebros sem neurônios? Por acaso estamos exportando cientistas de rua?

- Vai ver eles já descobriram como extrair nossos cérebros sem mexer na carcaça. E a gente aí, todo mundo anestesiado pela inflação, pelo desgoverno.

- Será? E quem roubou o cérebro do Itamar?
- Bem que tentaram.
- Quem?
- As multinacionais. Oligopólios, esse pessoal. O cérebro de um presidente é cobiçado por essa gente, para que possam cooptá-lo.
- E conseguiram furar o plano?
- Não. Só o crânio. Descobriram que o Itamar não tem cérebro. Não tem tálamo, hipotálamo, meninges, essas coisas.
- Não tem juízo, então?
- E tem?
- Quer dizer então...
- Exatamente. O presidente não sabe o que faz. O topete sempre desganhado, aquele Carnaval no sambódromo. O coitadinho não tem culpa.
- E por onde andar o cérebro do Itamar?
- Não se sabe. Mas faz tempo que já se desincompatibilizou.
- E o cérebro do Brizola?
- Conservado em formol.
- Na cristaleira de quem? Do Roberto Marinho?
- Não. Na cabeça dele mesmo, que é pra ninguém desconfiar. Nem ele.

(31 de março de 1994)

Sérgio da Costa Ramos
In *Sorrisos meio sacanas*, Florianópolis:
Mercado Aberto/Edufscar, 1996.

VESTIDISMO

Os turistas alugaram a escuna “Bem-Te-Vi” para esgravatar o litoral em busca daquela última praia onde, para escândalo geral, ainda se admitia banhista vestido.

Seria uma excursão exótico-voyeurista explícita, o pessoal na maior excitação para ver aquela gente semi-nua, os panos insinuando tudo, as curvas e reentrâncias expostas à crua imaginação - que é intrinsecamente má e cujo raio-X atravessa os tecidos até chegar à carne que assim, embrulhada, continua fraca.

A Associação dos Banhistas Vestidos do Brasil reclamou à Capitania dos Portos contra aquela curiosidade que chegava assim, movida a vela e a preconceitos.

Os naturistas conservadores, por sua vez, não perdiam ocasião para expressar sua censura aos ousados rebeldes, adeptos do vestuário ao ar livre.

- Indecência! Vejam como a roupa realça as formas!
- Anti-higiênico! As pessoas ficam assadas!
- Dá cólera!
- Dá câncer de pele!

Bispo Macedo, da Igreja Naturista Brasileira, liderou o movimento em favor da restauração da moral e dos bons costumes.

Ficou bíblicamente conhecido o Sermão da Praia do Pinho:

- Cristo, quando ressuscitou dos mortos, outra vez puro, já não precisava do manto manchado pela crueldade dos infiéis!

Ali no Pinho, vestidos, só os morros da Mata Atlântica. O delegado presidia inquérito pelado. O PM patrulhava a praia pelado, só de havaianas e cassetete. O guri do sorvete vendia seu produto pelado; vestido só o picolé - com aquele papel pegajoso.

A marca do maiô funcionava mais ou menos como o sinal de conversão. O bumbum branco revelava que, de Saulo a Paulo, aquele cristão novo relutara muito até aderir à virtude do vento a favor.

Castigo. A escuna dos curiosos encalhou a três metros da praia dos lunáticos vestidos. Pior: acabaram todos salvos pela tribo de inautênticos, tocados por seres indecorosos - e seus calções, bermudas, toalhas, tangas e outros fetiches.

Já em praia firme, o fotógrafo - ele próprio um "natural" - reuniu o excêntrico grupo de heróis para o *clic* da posteridade. Deviam suas vidas àquele bando de desajustados, mas tudo bem. A confraternização seria uma forma de unir compostos e decompostos, mesmo uns achando que os outros eram os merecedores de descomposturas.

- Olha o passarinho! - pediu o profissional.

A estranha seita dos banhistas vestidos exibiu um sorriso nos lábios e a melhor das boas vontades.

Mas tinha uma dúvida:

- Qual deles?

(21 de janeiro de 1992)

Sérgio da Costa Ramos
in *Enfermaria Brasil: crônicas de um país crônico*, Porto Alegre:
L&PM Editores, 1933.

BIBLIOGRAFIA

- CALDAS FILHO, Raul. Delirante Desterro. Florianópolis: UFSC, 1980.
- CALDAS FILHO, Raul. O jogo infinito. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.
- CALDAS FILHO, Raul. Oh! Que delícia de Ilha. Florianópolis: Paralelo 27/ Lunardelli/Propague, 1995. 3ª edição.
- CALDAS FILHO, Raul. Oh! Casos e Delícias Raras. Florianópolis: Insular/ Paralelo 27, 1998.
- CARDOZO, Flávio José. Singradura. Porto Alegre: Globo, 1970.
- CARDOZO, Flávio José. Água do pote. Florianópolis: Editora da UFSC/ Lunardelli, 1982.
- CARDOZO, Flávio José. Longínquas baleias e outros contos. Florianópolis: Lunardelli, 1986.
- CARDOZO, Flávio José. Beco da lamparina. Florianópolis: Lunardelli/ Diário Catarinense, 1987.
- CARDOZO, Flávio José (et. al.). Cambada de mentiroso. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CARDOZO, Flávio José. Tiroteio depois do filme: crônicas. Florianópolis: Lunardelli/Diário Catarinense, 1989.
- CARDOZO, Flávio José. Senhora do meu Desterro. Florianópolis: Lunardelli/ Fundação Franklin Cascaes, 1991.
- HAMMS, Jair Francisco. Estórias de gente e outras estórias. Porto Alegre: Flama, 1971.
- HAMMS, Jair Francisco. O vendedor de maravilhas. Florianópolis: Edeme, 1973.
- HAMMS, Jair Francisco. O detetive de Florianópolis. Florianópolis: Editora da UFSC/O Estado, 1983.
- HAMMS, Jair Francisco. A cabra azul. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- LUNARDELLI, Editora. Contistas e cronistas catarinenses. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- QUEIROZ, Júlio de. Um passageiro; outras crônicas. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

- QUEIROZ, Júlio de. As permutas e outros contos. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1996.
- QUEIROZ, Júlio de. A cidade amada. Florianópolis: Garapuvu, 1997.
- QUEIROZ, Júlio de. Placidin e os monges. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1998.
- RAMOS, Sérgio da Costa. Os civis precisam voltar aos quartéis. Florianópolis: Editora da UFSC/O Estado, 1986.
- RAMOS, Sérgio da Costa. A emulsão de Ulysses. São Paulo: Global; Florianópolis: Lunardelli, 1988.
- RAMOS, Sérgio da Costa. Enfermaria Brasil: crônicas de um país crônico. Porto Alegre: L&PM Editores, 1993.
- RAMOS, Sérgio da Costa. Sorrisos meio sacanas. Porto Alegre: Mercado Aberto/Edufscar, 1996.
- SÁ, Jorge de. A crônica. São Paulo: Ática, 1922. 4ª edição.
- SIMÕES, Aldirio. Domingueiras: sou ilhéu graças a Deus. Florianópolis: Papa-Livro, 1990.
- SIMÕES, Aldirio. Retratos à luz da pomboca. Florianópolis, 1997.
- SOUZA, João Paulo Silveira de. Quatro alamedas. Porto Alegre: Movimento, 1976.
- SOUZA, João Paulo Silveira de. Os pequenos desencontros. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1977.
- SOUZA, João Paulo Silveira de. O cavalo em chamas. São Paulo: Ática, 1981.
- SOUZA, João Paulo Silveira de. Canário de assobio. Florianópolis: Lunardelli, 1986.
- SOUZA, João Paulo Silveira de. Relatos escolhidos. Florianópolis: Garapuvu, 1998.
- WOLFF, Joca; DAMÁSIO, Sônia Pereira. Indicador catarinense de escritores. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Paralelo 27, 1993.